



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - PROFEPT**

**ACÁCIO BENTO DOS SANTOS**

**PROPOSTA METODOLOGICA PARA ENSINO DO MODELO COOPERATIVISTA  
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

MACEIÓ/AL  
2024

ACÁCIO BENTO DOS SANTOS

**PROPOSTA METODOLOGICA PARA O ENSINO DO MODELO COOPERATIVISTA  
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, na linha de pesquisa de práticas educacionais em EPT, do Instituto Federal de Alagoas, campus Benedito Bentes, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

**Orientador:** Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles.

**Área de concentração:** Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

**Linha de pesquisa:** Práticas Educativas em EPT

**Macroprojeto:** Propostas metodológicas em espaços formais e não formais de ensino na EPT

MACEIÓ/AL

2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal de Alagoas  
Campus Avançado Benedito Bentes  
Biblioteca

---

S237p

Santos, Acácio Bento dos.

Proposta metodológica para ensino do modelo cooperativista na educação profissional e tecnológica / Acácio Bento dos Santos. – 2024.

74 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles.

Dissertação - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2024.

1. Cooperativismo. 2. Prática Educativa. 3. Produto Educacional. I. Título.

CDD: 658.4

---

Fernanda Isis Correia da Silva  
Bibliotecária - CRB-4/1796

ACÁCIO BENTO DOS SANTOS

**PROPOSTA METODOLOGICA PARA O ENSINO DO MODELO COOPERATIVISTA  
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, na linha de pesquisa de práticas educacionais em EPT, do Instituto Federal de Alagoas, campus Benedito Bentes, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

**Orientador:** Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles.

**Área de concentração:** Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

**Linha de pesquisa:** Práticas Educativas em EPT

**Macroprojeto:** Propostas metodológicas em espaços formais e não formais de ensino na EPT

Aprovado em 29 de maio de 2024

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva

Instituto Federal de Alagoas

Orientador

Documento assinado digitalmente

gov.br

ANDRE SUELDO TAVARES DE LIMA

Data: 16/08/2024 10:58:41-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Tavares Suêlido de Lima

Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente

gov.br

ANA PAULA GOMES DA SILVA

Data: 25/07/2024 14:39:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Paula Gomes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

ACÁCIO BENTO DOS SANTOS

**PRODUTO EDUCACIONAL: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM DO  
MODELO COOPERATIVISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, na linha de pesquisa de práticas educacionais em EPT, do Instituto Federal de Alagoas, campus Benedito Bentes, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

**Orientador:** Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles.

**Área de concentração:** Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

**Linha de pesquisa:** Práticas Educativas em EPT

**Macroprojeto:** Propostas metodológicas em espaços formais e não formais de ensino na EPT

Validado em 29 de maio de 2024

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva

Instituto Federal de Alagoas

Orientador

Documento assinado digitalmente

gov.br

ANDRE SUELDO TAVARES DE LIMA

Data: 16/08/2024 11:01:28-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Tavares Suêlido de Lima

Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente

gov.br

ANA PAULA GOMES DA SILVA

Data: 07/08/2024 09:18:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Ana Paula Gomes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que contribuíram com este processo de forma direta ou indireta, pois cada uma possui uma importância especial nesse processo de desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional da minha vida. Dedico de maneira especial a meus pais Claudeci Lopes e Suzi Mônica e também a minha esposa Mariana de Souza, que tanto me apoiou nesse processo de construção.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pela força, sabedoria e proteção ao longo de toda esta jornada, permitindo-me superar os desafios e alcançar este importante marco em minha vida acadêmica.

À minha esposa Mariana, pelo amor, paciência, compreensão e apoio incondicional durante todo o período de elaboração desta dissertação. Sua presença constante e encorajamento foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais Claudeci e Suzi, pelo incentivo, carinho e suporte inestimável ao longo da minha trajetória educacional. Sem o apoio e os ensinamentos de vocês, nada disso seria possível.

Ao Professor Dr. Nelson Vieira, meu orientador, pela orientação, paciência e dedicação. Sua expertise e aconselhamentos foram essenciais para o desenvolvimento e finalização desta dissertação.

Aos meus amigos, pelo companheirismo e pelo apoio constantes, que muitas vezes serviram como fonte de motivação e inspiração ao longo desta jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), pela oportunidade de crescimento acadêmico e profissional. Agradeço a todos os professores, colegas e colaboradores que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste estudo.

## EPIGRAFE

*“Ora et labora, Deus adest sine mora.”*

(São Bento)

*“Quem é bom é livre, embora seja um escravo; aquele que é mau é um escravo, embora seja um rei.”*

(Santo Agostinho)

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”*

(Paulo Freire, 1979)

## RESUMO

A sociedade brasileira é caracterizada pelo seu alto grau de desigualdade entre as classes, o que é refletido tanto no âmbito educacional quanto no profissional. Tamanha dualidade é refletida em todos os resultados econômicos e sociais do Brasil e, principalmente, no ciclo de subdesenvolvimento do brasileiro. O modelo capitalista impede os pequenos produtores de desenvolverem seus negócios, que, por sinal, têm alto grau de falência. Boa parte deste problema se deve à competição desleal existente no contexto capitalista do mercado brasileiro, no qual os grandes produtores conseguem ganhos em escala e redução de custos encarando as barreiras de mercado, como competição abrupta e altos impostos de forma mais tranquila que os pequenos, que muitas vezes sequer conseguem pagar suas contas básicas. Dentro desse contexto, busca-se algumas alternativas de atuação no mercado capitalista que proporcione ao pequeno produtor/empreendedor uma maior sustentabilidade de negócio para melhoria de sua realidade. Para solução deste problema se tem a aplicação de métodos de economia solidária, a exemplo da dinâmica cooperativista como alternativa ao modelo atual de competição capitalista. Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa foi aplicar uma metodologia de ensino do modelo cooperativista como alternativa ao padrão capitalista atual para a atuação dos alunos do curso técnico em agropecuária no mercado de trabalho. Na metodologia, foi realizado, além de um levantamento bibliográfico, a aplicação de questionário para diagnóstico do grau de entendimento dos discentes sobre o tema do cooperativismo e identificação do público participante. Esta pesquisa é de cunho quantitativo, com a utilização de sequência didática para a aplicação da metodologia proposta e seguiu a linha de pesquisa de práticas educativas aos discentes do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal de Alagoas, campus Satuba. A pesquisa constatou que há amplo espaço para a abordagem do tema do cooperativismo no âmbito do ensino médio como contribuição para a formação integral dos discentes.

**Palavras-Chave:** Cooperativismo. Formação Integral. Sequência Didática.

## ABSTRACT

Brazilian society is characterized by its high degree of inequality between classes, which is reflected in both the educational and professional spheres. Such duality is reflected in all of Brazil's economic and social results and, mainly, in Brazil's cycle of underdevelopment. The capitalist model prevents small producers from developing their businesses, which, by the way, have a high degree of bankruptcy. Much of this problem is due to the unfair competition that exists in the capitalist context of the Brazilian market, in which large producers achieve gains in scale and reduce costs by facing market barriers, such as abrupt competition and high taxes, more calmly than small ones, who often can't even pay their basic bills. Within this context, we seek some alternatives for operating in the capitalist market that provide the small producer/entrepreneur with greater business sustainability to improve their reality. To solve this problem, solidarity economy methods must be applied, such as cooperative dynamics as an alternative to the current model of capitalist competition. In this context, the general objective of the research was to apply a teaching methodology based on the cooperative model as an alternative to the current capitalist standard for the performance of students on the agricultural technical course in the job market. In the methodology, in addition to a bibliographical survey, a questionnaire was carried out to diagnose the students' level of understanding on the theme of cooperativism and identify the participating public. This research is of a quantitative nature, using a didactic sequence to apply the proposed methodology and followed the line of research into educational practices for students of the technical course in agriculture at the Federal Institute of Alagoas, Satuba campus. The research found that there is ample space for approaching the theme of cooperativism within secondary education as a contribution to the comprehensive training of students.

**Keywords:** Cooperativism. Comprehensive Training. Following Teaching.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1:.....</b>	<b>15</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO - MODELO COOPERATIVISTA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO INTEGRAL .....</b>	<b>15</b>
RESUMO.....	15
COOPERATIVISMO.....	15
COOPERATIVISMO NO BRASIL .....	16
COOPERATIVISMO EM ALAGOAS.....	18
COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO .....	19
FORMAÇÃO INTEGRAL .....	19
O ENSINO MÉDIO INTEGRADO E A DUALIDADE NA SOCIEDADE.....	22
A FORMAÇÃO DO SER SOCIAL POR MEIO DO TRABALHO.....	23
DUALIDADE NA EDUCAÇÃO.....	25
ENSINO MÉDIO INTEGRADO .....	28
SEQUÊNCIA DIDÁTICA: APONTAMENTOS.....	29
SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA APLICAÇÃO DA ABORDAGEM COOPERATIVISTA .....	30
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CLASSE NA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	32
PROCESSO AVALIATIVO NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	35
<b>CAPÍTULO 2:.....</b>	<b>38</b>
<b>PRODUTO EDUCACIONAL PARA ENSINO DO MODELO COOPERATIVISTA COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO INTEGRAL .....</b>	<b>38</b>
INTRODUÇÃO .....	38
MATERIAIS E MÉTODOS .....	43
RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	45
PERFIL DA AMOSTRA .....	45
CONHECIMENTO SOBRE O SISTEMA COOPERATIVISTA .....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS .....	54
<b>CAPÍTULO 3:.....</b>	<b>56</b>
<b>PRODUTO EDUCACIONAL – SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM DO MODELO COOPERATIVISTA .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO A – CARTILHA BÁSICA SOBRE COOPERATIVISMO .....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA .....</b>	<b>72</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Escolaridade dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL .....	47
Tabela 02: Faixa etária dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL .....	47
Tabela 03: Etnia dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL .....	47
Tabela 04: Gênero dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL .....	48
Tabela 05 Renda familiar dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba .....	48
Tabela 06: Principais ocupações das famílias dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL .....	48
Tabela 07: Grau de conhecimento sobre o sistema cooperativista dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL.....	49
Tabela 08: Grau de entendimento sobre o que é uma cooperativista dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL .....	50
Tabela 09: Grau de conhecimento sobre o sistema cooperativista dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL .....	50
Tabela 10: Opinião dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a importância do sistema cooperativista na sociedade.....	50
Tabela 11: Opinião dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a possibilidade de participação em cooperativa .....	51
Tabela 12: Opinião dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre o cooperativismo como alternativa para crescimento dos	

pequenos produtores/empreendedores .....	51
Tabela 13: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre o crescimento sobre pequenos negócios com ou sem ajuda...	51
Tabela 14: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre o crescimento sobre pequenos negócios com ou sem ajuda...	52
Gráfico 15: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a concorrência entre pequenas e grandes.....	52
Gráfico 16: 16: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a concorrência entre cooperativas e grandes empresas.....	53
Gráfico 17: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a importância das cooperativas para construção social .....	53

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ACI - Aliança Cooperativa Internacional.

CONCRAB - Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil.

CONECOOP - Conselho Estadual do Cooperativismo.

IFAL - Instituto Federal de Alagoas.

JUCEAL - Junta Comercial do Estado de Alagoas.

OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

OCB-AL - Organização das Cooperativas do Estado de Alagoas.

OCESP - Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo.

ProfEPT - Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

UNICAFES - União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária.

UNICATADOTES - União Nacional de Catadores e Catadoras de Material Recicláveis.

UNICOPAS - União Nacional das Organizações Cooperativistas Solidárias.

UNISOL - Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho advém da verificação de carência de materiais que tratam da abordagem cooperativista no âmbito da educação profissional e tecnológica do Instituto Federal de Alagoas. Nesse sentido, com o propósito de contribuir com os profissionais que atuam na educação profissional, foi realizada uma pesquisa e a elaboração de um material que possa auxiliar no processo de formação integral dos discentes.

Este trabalho está dividido em três capítulos, quais sejam, capítulo 1: Referencial teórico: modelo cooperativista como contribuição para formação integral; capítulo 2: Modelo cooperativista como ferramenta de formação integral; e capítulo 3: Produto educacional: sequência didática para abordagem do modelo cooperativista.

O primeiro capítulo trata do levantamento teórico dos temas que servem de base a este trabalho. Esses temas dizem respeito ao cooperativismo e, também, referem-se a uma abordagem sobre formação integral com uma reflexão da dualidade social.

O segundo capítulo trata de artigo científico para verificação da contribuição do modelo cooperativista, no qual se busca evidenciar a necessidade da aplicação do modelo cooperativista como alternativa de contribuição para a formação integral do discente.

E, por fim, o terceiro capítulo apresenta o produto educacional: uma sequência didática para abordagem do modelo cooperativista no ensino médio. Por meio dessa sequência apresenta-se uma sugestão para que o docente possa abordar o tema com seus discentes na última etapa da educação básica.

Este trabalho busca contribuir com o processo de formação integral do discente, visando implementar uma perspectiva mais holística por meio do tema do cooperativismo que, por si só, já apresenta uma gama de temas e reflexões no contexto social, profissional e educacional. Tenha uma boa leitura.

## CAPÍTULO 1:

### REFERENCIAL TEÓRICO - MODELO COOPERATIVISTA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO INTEGRAL

#### Resumo

O cooperativismo é um modelo econômico por meio do qual os meios de produção são controlados pelos próprios produtores, promovendo cooperação ao invés de competição, o que contrasta com o capitalismo. No Brasil, o cooperativismo começou enfrentando desafios iniciais devido à falta de compreensão do modelo e da desconfiança gerada por cooperativas deturpadas.. Por outro lado,, o sistema cooperativista tem gerado milhares de empregos diretos no país. Nesse sentido, o cooperativismo é visto como uma forma de emancipação do trabalhador, fomentando a criação de novos postos de trabalho e contribuindo para um desenvolvimento econômico mais sustentável e equilibrado. Em Alagoas, o movimento cooperativista tem crescido significativamente, apoiado por políticas estaduais específicas. Este trabalho, portanto, propõe-se a realizar um levantamento teórico das principais bases do cooperativismo e sugerir a inserção dos elementos conceituais desse modelo na educação profissional e tecnológica do Instituto Federal de Alagoas, com vistas a contribuir para a formação integral do discente. Para tal fim, o trabalho sinaliza a sequência didática como metodologia da sequência didática.

Palavras-chave: Cooperativismo. Educação. Dualidades.

#### Cooperativismo

O cooperativismo é considerado uma vertente da economia que diz respeito à centralização dos meios de produção nas mãos de quem produz, o que diverge de uma característica fundamental do capitalismo, a concentração dos meios de produção pela burguesia (Tarufi; Júnior, 2015).

A cooperação entre os pequenos produtores e empreendedores pode ser um meio de aceleração do crescimento destes, proporcionando o aumento da sustentabilidade econômica da sociedade a partir de uma melhor geração de renda.

Ao tratar das origens cooperativistas, não se pode deixar de destacar os famosos pioneiros de Rochdale. O processo de industrialização e a alienação do trabalhador coloca a sociedade em um cenário de alta vulnerabilidade, transformando as pessoas em mercadoria (Vicentino, 2001).

O aparecimento de formas diversificadas de economia solidária, cooperativas populares, associações de produtores e consumidores, clubes de trocas, recuperação de fábricas falidas por seus próprios trabalhadores, ocupações de terra e produção coletiva, entre outras, fizeram nascer no Brasil um debate de caráter acadêmico que aprofundou a distinção clara entre duas correntes que se enfrentavam justamente nos meios acadêmicos brasileiros desde os anos 60: uma que via a universidade como instituição que deveria potencializar as estruturas sociais vigentes; e outra que a via como um instrumento crítico que deveria estar voltado para a transformação social (Cruz, 2004).

### **Cooperativismo no Brasil**

No Brasil, a organização das cooperativas é registrada primeiramente em 1907 por meio do Decreto Legislativo nº 1.637, de 5 de janeiro do referido ano. Apesar de a lógica do cooperativismo vir sendo praticada há mais de quarenta anos no país, o decreto não recebeu a devida importância, pois o número de pessoas que aderiu a tal modelo era muito pequeno por diversos motivos, que iam desde a incompreensão do modelo cooperativista até a existência de cooperativas deturpadas que distanciaram a população por mera desconfiança (Silva, 1945).

O Decreto 1.637/1907 não trazia em sua essência os princípios cooperativistas, o que dificultava ainda mais o entendimento da verdadeira aplicação do modelo cooperativista, principalmente o princípio democrático do voto individual. Mas, após diversas tentativas de neutralização dos efeitos negativos da má elaboração do referido decreto, foi postulado o Decreto nº 22.239, de 19 de dezembro de 1932, que, sim, pautava-se nos princípios cooperativistas. Porém, tal decreto foi substituída em pouco tempo pela Lei nº 23.611, de 20 de dezembro de 1933, firmada como Lei dos Consórcios Cooperativos, para regulamentação do sindicalismo cooperativista, que, por sua vez, foi complementada pelo Decreto nº 24.647, de 19 de dezembro de 1934, com o ensejo de comportar novas modalidades de cooperativas sociais (Silva, 1945).

A partir deste ponto, a organização do sistema cooperativista no Brasil passa a apresentar maior organização e, aos poucos, ganha credibilidade. Mas ocorreram

mais alterações na legislação, com o Decreto-Lei nº 59, de 21 de novembro de 1966, e o Decreto nº 60.597, de 19 de abril de 1967, os quais perduraram até a promulgação da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, que, atualmente, é a responsável pela regulamentação do cooperativismo no Brasil.

Além de delimitar os pré-requisitos e as condições para a formalização de uma cooperativa e instituir seu regime jurídico, a Lei nº 5.764, de 1971, instituiu o Conselho Nacional do Cooperativismo como órgão competente para regulamentação da política nacional do cooperativismo. E cabe ressaltar que esse organismo já existia na legislação anterior, mas fora reforçado na presente/atual (Brasil, 1971).

A legislação atual também instituiu o órgão para representação do cooperativismo, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), que, entre seus pressupostos, define que cada unidade federativa deverá ter uma representação local (Brasil, 1971). A esta organização estão vinculados os serviços de assistência geral às cooperativas, podendo-se destacar, por exemplo, o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP). Nesse sentido, conforme o Anuário do Cooperativismo Brasileiro divulgado em 2020, no ano de 2019 o Brasil apresentou 5.314 cooperativas com registro ativo na OCB, das quais 66 estão em território alagoano. E o número de cooperados brasileiros ultrapassa a casa dos 15,5 milhões de pessoas, sendo 62% homens e 38% mulheres. Além disso, 82% dos cooperados são pessoas físicas e 18% são pessoas jurídicas. Alagoas tem mais de 25 mil cooperados registrados (OCB, 2020).

No Brasil, com o decorrer do tempo, deu-se o surgimento de outras instituições que fazem frente à OCB para a constituição de um movimento cooperativista mais voltado para o campo da solidariedade, culminando no surgimento da União Nacional das Organizações Cooperativistas e Solidárias (UNICOPAS), que é uma instituição formada pelas principais centrais do cooperativismo e da economia solidária no Brasil, quais sejam, União Nacional das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária (UNICAFES); Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (UNISOL BRASIL); Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB) e União Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis do Brasil (UNICATADORES) (UNICOPAS, 2023).

O sistema cooperativista, além de ser uma opção de emancipação do trabalhador, ainda fomenta a criação de novos postos de trabalho. Em 2019, por exemplo, foi verificada a existência de 427,5 mil postos de empregos diretos gerados

nas cooperativas brasileiras. Alagoas gera 2.160 postos de trabalho formal por meio de tais cooperativas (OCB, 2020).

No sistema cooperativista, existem diversos tipos de cooperativas e praticamente todos os tipos de atividade têm potencial para tornar-se uma cooperativa, sobretudo pelos ramos que esse sistema compreende, que são: agropecuário; crédito; transporte; trabalho, produção de bens e serviços; saúde; consumo; e infraestrutura (OCESP, 2021).

### **Cooperativismo em Alagoas**

O movimento cooperativista em Alagoas registrou marcos de crescimento importantes em 2022. De acordo com a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária em Alagoas (UNICAFES/AL), o estado registrou mais de 280 cooperativas, com mais de 40 mil cooperados e número superior a 20 mil empregos (Lima, 2022).

A cada dia o segmento cooperativista tem recebido mais atenção do ponto de vista econômico, o que fomenta investimentos. Isso se nota sensivelmente em Alagoas, em especial com a humanização e o desenvolvimento econômico andando lado a lado, e com o surgimento de secretarias específicas, como a Secretaria Executiva de Cooperativismo, Associativismo e Economia Solidária, vinculada à Secretaria de Estado do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (SEDICS), as quais têm como uma das principais missões o fomento das atividades que integram a Economia Solidária no estado.

Conforme destacado em matéria veiculada no site portal oficial do Governo de Alagoas, atualmente existem 399 (trezentos e noventa e nove) cooperativas no estado, das quais 19 (dezenove) foram registradas e ativadas na e pela Junta Comercial do Estado de Alagoas (JUCEAL). Outro dado relevante trazido nesta mesma matéria é o de que o estado de Alagoas é o único do Nordeste que não cobra taxas para o registro das cooperativas, o que está determinado na lei estadual.

Para regulamentar as cooperativas em Alagoas, existe a Lei nº 6.904, de 3 de janeiro de 2008, a qual dispõe sobre a política estadual do cooperativismo no estado de Alagoas. E entre os elementos dessa lei, destaca-se a criação do Conselho Estadual do Cooperativismo do Estado de Alagoas (CONECOOP), que foi

regulamentada pelo Decreto nº 30.299, de 3 de fevereiro de 2014, e alterada pela Lei nº 8.544, de 18 de novembro de 2021 (SEFAZ/AL, 2024).

Um dos ramos do cooperativismo de maior destaque no estado de Alagoas é o agropecuário, que se deixa ver pelos dados da UNICAFES/AL. Tal ramo revela percentuais significativos concernentes ao desenvolvimento econômico do estado, especialmente pela geração de empregos, o que impacta na melhoria de vida da população tanto rural quanto urbana. Acerca das atividades ligadas à agropecuária no território alagoano, alguns apontamentos são feitos no tópico seguinte.

### **Cooperativismo agropecuário**

O ramo agropecuário é formado pelas cooperativas de produtores rurais, agropastoris e de pesca. Essas cooperativas representaram 33% (trinta e três por cento) do Produto Interno Bruto do agronegócio brasileiro, contribuindo também para as exportações brasileiras (Belsário; Ninaut; Prado e Martins, 2005).

O segmento agropecuário é uma das áreas de mais destaque do cooperativismo no Brasil. Conforme anuário do cooperativismo publicado pela OCB, atualmente existem 1185 cooperativas, aproximadamente um milhão de cooperados e por volta de duzentos e cinquenta mil empregos gerados (OCB, 2023).

Conforme este mesmo anuário, em 2022, no estado de Alagoas, existiam vinte e sete cooperativas, mais de três mil e seiscentos cooperados e mais de dois mil e novecentos empregados, o que contribuiu diretamente para a economia do estado (OCB, 2023).

O cooperativismo agropecuário tem o compromisso de participar do desenvolvimento da economia do estado, garantindo sustentabilidade da atividade rural de seus associados, a segurança alimentar da população e a geração de excedentes disponíveis para exportação (Belsário; Ninaut; Prado e Martins, 2005).

Feitos tais apontamentos de caráter teórico/conceitual, chegamos às discussões relacionadas à estrutura do ensino técnico e integrado e à metodologia da sequência didática, por meio da qual se propõe a inserção da perspectiva cooperativista no âmbito da sala de aula do ensino médio.

### **Formação integral**

Conceitualmente, conforme Ciavatta (2014, p.197), a “formação integrada significa mais do que uma forma de articulação entre ensino médio e educação

profissional.” Isso implica dizer que esse tipo de formação pode se articular na contramão das dualidades geradas pela sociedade de classes, que está estruturada nas bases do capitalismo. A educação integrada, portanto, procura desmantelar certa noção de educação unilateral, o que atende ao viés plural do ensino prezado pela Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira (LDB). A partir disso, também se enseja reforçar a luta de classes, objetivo que tenta dissolver os problemas sociais, educacionais, políticos e econômicos gerados pela sociedade do capital.

A formação do ser humano no modelo integral ocorre plenamente quando o processo educativo transpõe as barreiras da formação tão somente científica, o que aponta para uma educação articulada entre o que é próprio do acadêmico, do profissional e do humano. Esses campos se associam, portanto, para propiciar uma formação mais consolidada do indivíduo (Schaefer, 2017). Uma formação integral, nesse sentido, vai além da formação científica e tecnicista, tendo por objetivo libertar o sujeito, por meio do pensamento crítico e humanizado, de certo *status quo* de organização social.

Pode-se dizer que a integração da educação não se trata de uma mera junção das formas de educação, seja básica, seja técnica, seja cultural. Isso vai além, pois trata-se também do entendimento do indivíduo social em suas conjunturas materiais/concretas e experienciais, que estão ligadas a condições existenciais, a fatores culturais e antropológicos e que se alinham a uma perspectiva holística para a absorção e o aproveitamento do conhecimento (Ciavatta; Ramos, 2012a, p. 306). Desse modo, ratifica-se, a educação integral ultrapassa a ideia de uma formação apenas para o mercado de trabalho.

Um dos grandes empecilhos para uma formação integral do ser humano é a lógica dual/maniqueísta da sociedade, cujo foco da formação é a geração de riqueza e o condicionamento do ser humano às exigências do capital, o que vai de encontro aos princípios da formação íntegra (Tonet, 2006). Cabe ao processo educacional, então, fomentar a reconstrução dos indivíduos por meio da educação íntegra e crítica, ou seja, mediante uma formação respaldada em diversos âmbitos da vida social, pessoal, econômica, política, entre outros (Schaefer, 2017). Essa questão da dualidade social se destaca quando o tema é a formação íntegra para todas as pessoas da sociedade, que se reflete na disparidade entre as possibilidades de formação das classes mais abastadas e as das menos favorecidas.

Desde a revolução burguesa, é proclamado que todos os indivíduos são iguais em direitos e que, a partir dessa premissa, todos deveriam ter uma formação integral, porém, como a sociedade é dividida em classes, poucos têm acesso a uma formação de tal natureza, de fato. E a maior parte da população sequer tem acesso à educação básica, quem dirá uma educação integral (Tonet, 2006). Essa visão vai de encontro à lógica cooperativista, na qual todos os indivíduos têm a mesma importância, independentemente de seu potencial de investimento ou potencial econômico.

Conforme aborda Schaefer (2017, p. 48), “pode-se dizer que as dimensões da formação integral são: do estudo, do trabalho, da alta moralidade, da ciência e da internacionalidade”. A partir dessas dimensões, é possível fazer o ser humano alcançar um protagonismo responsável. Este protagonismo ajuda na formação de uma sociedade mais coesa.

Em suma, a educação, em certa tendência tradicional atrelada à lógica do capitalismo, tem sido um meio de transformação do ser humano em mercadoria para atender aos interesses das classes dominantes, objetivando a geração e o acúmulo de riquezas. Portanto, é importante frisar que uma formação verdadeiramente integral, com tantos empecilhos com os quais precisa lidar, acaba sendo impossibilitada no atual sistema (Tonet, 2006).

Conforme abordado por Ciavatta (2014, p. 197), “do ponto de vista do conceito, a formação integrada significa mais do que uma forma de articulação entre ensino médio e educação profissional”. Diante desta fala, percebe-se que meramente acrescentar os conhecimentos profissionais no ensino, apesar de ser um passo importante, é insuficiente para uma formação integral.

Nesse aspecto, para alcançar uma escola unitária e integral, Gramsci (2001, p. 41) aponta que “a organização acadêmica deverá ser reorganizada e vivificada de alto a baixo”. É uma realidade muito distante do sistema educacional brasileiro atual, então podemos inferir que nosso país precisaria de uma guinada no sistema para adentrar os caminhos da educação integral. E, em busca de tal formação integral, é necessário encontrar ferramentas que possam auxiliar os docentes a colocarem em prática os fundamentos de promoção do ensino integrado. Ademais, os produtos educacionais, como as sequências didáticas, como se verá adiante, fomentam a criação das ferramentas para o desenvolvimento (pleno) da prática educativa.

## **O ensino médio integrado e a dualidade na sociedade**

Dada a realidade de que a educação é estruturada para atender às demandas do mercado de trabalho dentro da sociedade capitalista, tem-se o desafio de fomentar uma educação onmilateral para a transformação da realidade social do sujeito (Frigotto, 2009). Neste sentido, a partir do processo educativo, pode-se cultivar conhecimentos que tornam a sociedade brasileira menos dual, ainda que os interesses das classes dominantes interfiram diretamente nesse processo.

Conforme Gramsci discute, o nível de intelectualidade de um Estado pode ser medido objetivamente pelo número de escolas especializadas e também pela sua organização hierarquizada, quanto mais ampla as áreas de conhecimento e seus diversos graus verticais, maior será a intelectualidade da nação (Gramsci, 2001). Desse modo, com uma educação voltada para o atendimento de interesses específicos de dada classe social, torna-se pouco provável o estabelecimento de uma educação onmilateral, o que é prejudicial ao desenvolvimento da sociedade como um todo.

Tumolo e Frigotto (2009) destacam que o trabalho só poderia ser balizador da educação caso sua perspectiva não mantivesse o enfoque nos meios produtivos, mas que fosse voltado para a emancipação humana. Porém, dentro do atual contexto social brasileiro, torna-se improvável que este enfoque seja adotado por uma educação que é pensada quase tão somente pelas classes dominantes. Cabe reforçar, assim, que, a partir de uma retórica conceitual, a formação integrada vai muito além de uma mera articulação entre ensino médio e ensino profissional, propiciando a reformulação social por meio da qual a disparidade entre as classes seja amenizada com uma educação mais equilibrada entre as partes (Ciavatta, 2014). Considerando essa realidade, quanto mais os discentes forem expostos aos paradigmas de constituição da educação integral, em termos de aquisição de conhecimentos, como, neste caso, o cooperativismo, mais condições esses estudantes terão de compreender o mercado de trabalho, para o qual também são preparados, e de analisar e problematizar a realidade que se constrói à sua volta, dando a ver o exercício do pensamento crítico.

A simples integração entre ensino básico e profissional não garante uma formação integral, principalmente para a classe trabalhadora, que sempre recebe formação voltada para a mão de obra direta; já a classe dominante passa por uma formação voltada para posições de trabalho mais “elevadas” na sociedade (Ciavatta,

2014). Isso contribui muito para a manutenção do *status quo* da sociedade brasileira. A reflexão em torno da educação profissional no ensino médio integrado, desse modo, visa contribuir com a formação crítica dos indivíduos, sondando as ferramentas e os métodos adequadas para a implementação e a concretização de tal formação. Com isso, espera-se conseguir propiciar a construção de práticas de ensino que desenvolvam conhecimentos com viés humanizador e libertário.

### **A formação do ser social por meio do trabalho**

Para Engels (1876), “o trabalho é a condição básica e fundamental de toda vida humana” (Engels apud Ferreira, 2011), pois, por meio deste, toda a riqueza passa a ser gerada e, por isso, torna-se mais importante que a própria natureza, provedora dos recursos que serão processados pelo trabalhador. Sendo assim, é possível afirmar que o trabalho moldou e molda o próprio homem.

Na sociedade capitalista brasileira (não apenas nela, seja dito de passagem), é possível visualizar, em sua dualidade já mencionada, o impacto da estrutura social na formação dos indivíduos: quanto maior o grau de saber adquirido no âmbito escolar, maior a probabilidade de absorção no mercado de trabalho. Com essa característica do capitalismo, a entrada no mercado de trabalho passa a ter como um de seus principais pré-requisitos a escolarização. E este sistema produtivo/econômico, por sua vez, tem como principal intuito a valorização do lucro em detrimento da mão de obra aplicada (Pinto, 2011). Cabe ressaltar, ainda, que, na sociedade brasileira, as discrepâncias são bem maiores, o que constitui uma realidade mais problemática, por isso o cooperativismo pode contribuir para o equilíbrio desta balança no sistema econômico brasileiro.

Em continuidade a esta ideia Ferreira (2011) ainda retrata que, do ponto de vista do materialismo marxiano, o ser humano é capaz de mudar a natureza para si por meio do trabalho e, com isso, alterar o mundo. Neste aspecto, o homem pode transformar sua realidade exercendo suas funções sociais mediante suas ocupações produtivas. Aí se faz notar a possibilidade de compreender e aplicar o cooperativismo na construção de uma sociedade mais sustentável, que vai ao encontro do projeto de formação consciente e crítico dos indivíduos.

A capacidade de transformação do homem retrata seu potencial produtivo na sociedade. “Por meio do trabalho, estes se separam gradativamente da existência selvagem; o próprio modo como os homens se apresentam no momento efetivo em

que o cientista os investiga é resultado do trabalho” (Ferrera, 2011, p. 152). Assim, quanto mais alto for o potencial produtivo do indivíduo, maior será o seu poder de transformação social.

Um indivíduo com maior grau de formação naturalmente poderá contribuir mais para a sociedade por meio de seu trabalho e, conseqüentemente, poderá alterar a sua própria realidade pessoal; além do mais é mediante sua organização social e de suas formas de trabalho que tal indivíduo torna-se diferente dos demais seres vivos existentes. Nesse sentido, para Marx, “antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 2010, apud FERREIRA, 2011, p. 154). O trabalho separa a natureza do homem dos demais seres e o diferencia por meio da consciência. Em uma sociedade estruturada pelo sistema capitalista, a força de trabalho, relativa à mão de obra direta, é comprada pelo proprietário dos meios de produção, o capitalista/burguês (Marx, 2010 apud Ferreira, 2011, p. 154). O modelo cooperativista evolui este sistema para que o trabalhador, o cooperado, compre sua própria força de trabalho e, assim, contribua para o desenvolvimento dos demais trabalhadores.

Isso retoma a necessidade de criar alternativas para melhorar a barganha da classe dominada, pois a força de trabalho tem perdido espaço para objetos produtivos. O cooperativismo, além de diminuir a disponibilidade para a formação do exército de reserva, ainda contribui para a criação de mais postos de trabalho. Conforme Pinto (2011, p. 53), “com efeito, a partir da produção industrial o trabalho humano passou a ser reduzido a uma pequena parcela de toda a atividade produtiva”. Isso torna a educação profissional cada vez menos complexa e diminui ainda mais a necessidade de uma educação de alto nível cultural. Ainda dentro dessa visão, Pinto (2011) reforça que:

Com a crescente tecnologização da produção, o planejamento das tarefas, nas oficinas e nas linhas de produção, em geral pensado por alguém que supostamente conhecia todo o processo técnico-científico (muitas vezes um engenheiro), passou a ser um importante fator que diferenciaria a formação dos trabalhadores (Pinto, 2011, p. 54).

O fato de o trabalhador ficar à disposição dos proprietários dos meios produtivos, segundo Ferreira (2011), faz com que:

A classe responsável pela produção das condições objetivas, materiais, ou

seja, a classe responsável pela produção de uma vida efetivamente melhor, é aquela que experimenta as maiores provações, que encontra as mais diversificadas dificuldades quando tenta viver (Ferreira, 2011, p. 156).

Nesse cenário, construir uma sociedade menos dual é de vital importância para o bem-estar social, pois, com o avanço tecnológico e com a substituição gradual da mão de obra direta, torna-se mais obsoleta a organização do trabalho humano. Ademais, em função da valorização das máquinas, de instrumentos que trabalham mais em menos tempo, agrava-se expressivamente a desvalorização do trabalhador comum (Marx, 2010 apud Ferreira, 2021). A desvantagem desse trabalhador, nesse processo, é nítida na sociedade do capital e a barganha, na maioria das vezes, está nas mãos dos proprietários dos meios de produção.

### **Dualidade na educação**

A Educação é fundamental nas sociedades, pois é por meio dela que são formados os pilares sociais e também é por meio dela que se dá manutenção do *status quo*. Na perspectiva de Gramsci (2001, p. 21), “os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político”. Essa relação fica evidente na estrutura do ensino médio brasileiro.

O sistema educacional brasileiro é utilizado para manter o *status quo* social, que permite a classe dominante ter acesso à cultura e a outros bens, enquanto a classe dominada, por meio do trabalho, apenas fornece os meios pelos quais aquela classe acessa determinados benefícios. No Ensino Médio, em relação ao que se apresenta, há uma dualidade evidente, manifestada pela presença de duas principais estruturas escolares e pelas formas de ensino que engendram. Dentro de cada uma dessas estruturas, as experiências educacionais podem ser compreendidas pelo conceito de *disparidade* ou *diferença de oportunidades* (Araújo, 2019).

Diante desta realidade, cabe às classes que não têm acesso buscar mecanismos para equilibrar a balança social por meio de formas mais sustentáveis e colaborativas entre as pessoas da sociedade. Pode-se dizer que a dualidade educacional é consequência da dualidade estrutural existente no Brasil, que divide suas classes basicamente de acordo com a estrutura capitalista: burguesia e proletariado. Essa divisão resulta em dois tipos de educação, uma instrumentalista e outra mais científica e cultural (Araújo, 2019).

Tal reprodução social tem tornado a sociedade extremamente desigual e, para reverter ou amenizar esse quadro, é necessário que as classes menos abastadas busquem meios para aumentar a sua força, além dos esforços legais já realizados, como a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). Sendo a etapa final da educação básica com legislação única para estruturação de diretrizes que constam na referida lei; e é ela que traz a definição dos princípios e, entre eles, está a “igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola”. Entretanto, isso não condiz com a realidade brasileira (Araújo, 2019).

Na contramão desses impasses relacionados à educação integral, Nosella (2016) aponta que:

Aos adolescentes (todos) do Ensino Médio, de 14 a 18 anos, deve ser garantida uma formação de cultura geral, moderna e humanista, de elevada qualidade; sendo o estudo um trabalho muitas vezes mais duro e árduo que outras atividades do mercado, muitos adolescentes as “escolhem” por razões superficiais, imediatistas e utilitárias e não pela razão profunda recôndita em sua consciência; se a desumana necessidade da família os empurra para a profissionalização precoce, cabe ao Estado intervir, remunerando seu trabalho/estudo, garantindo, com isso, a indefinição profissional, direito natural dessa fase etária, sem assistencialismo ou subterfúgios didáticos (Nosella, 2016, p. 9).

Desde o início da colonização do Brasil, em que o sistema de ensino era voltado para os preceitos religiosos, com foco na rigidez e na disciplina da ética baseada na religião, a dualidade já estava presente, visto que a educação era direito de uma pequena parcela da sociedade, o que acabava perpetuando o modelo social dominante (Nascimento, 2007).

A presença de duas redes na estrutura educacional em um país favorece a criação da relação capitalista entre as classes existentes na sociedade, portanto fortalece o distanciamento entre a classe da burguesia e a classe do proletariado, sendo negligenciada a classe menos favorecida funções dominantes na sociedade (Araújo, 2019). E, para remediar isso dentro do capitalismo, que traz em sua camada o liberalismo econômico, tem-se a opção de modelos mais sustentáveis, como o cooperativismo, para que as classes desfavorecidas possam galgar condições melhores dentro desse sistema.

Esta lógica da dualidade educacional permeia toda a história da sociedade brasileira desde o período colonial e imperial, em que a educação era totalmente voltada para a elite e as atividades braçais eram destinadas à população mais pobre.

Tal realidade permanece estigmatizando a sociedade brasileira (Nascimento, 2007).

Durante a história da educação profissional brasileira, percebe-se que as formações mais simplistas, voltadas à execução de trabalhos braçais e operacionais, são direcionadas à classe trabalhadora. Para exemplo, tem-se o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), cujos cursos são totalmente voltados para o proletariado (Araújo, 2019).

A necessidade de uma mão de obra mais especializada fomentou a existência deste tipo de educação, mas com o objeto contínuo de fazer com que o proletariado permaneça atendendo aos interesses da classe dominante. Trata-se, portanto, de uma demanda do capitalismo para adequar os trabalhadores às novas dinâmicas de produção. Nesse sentido, para a ampliação do leque de opções de sobrevivência, a classe dominada pode adotar modelos de cooperação e, assim, melhorar suas condições de subsistência.

Conforme Gramsci (2001, p. 18), “seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais” e, dentro desta visão capitalista da sociedade, poucos necessitam de formação intelectual. Para atender à atual organização do processo produtivo, as instituições escolares passam a ser estratégicas, compondo seus currículos com tais distinções: ao proletariado, é oferecido o fazer; aos dominantes, o pensar. A ambas as classes devem ser oferecidas as diversas opções de formação. E, num modelo de cooperação, tais componentes têm igual importância (Pinto, 2011).

A dualidade da educação brasileira é diretamente vinculada ao regime capitalista, a divisão entre elite e trabalhadores é nítida, quando avaliada a estrutura atual. Tudo isso tem origem na divisão social existente na sociedade brasileira (SANT’ANA; SILVA e LEMOS, 2018). Por isso, é necessário que determinados impactos do capitalismo sejam atenuados nas bases educacionais.

O posicionamento acerca da escola unitária denota a importância de todos terem a mesma base educacional e, assim, terem igualdade de condições para a atuação no mercado de trabalho. Consequentemente, em virtude da procura por melhores meios de trabalho, busca-se também a politecnicidade (Sant’ana; Silva e Lemos, 2018). Conforme Ciavatta (2012):

O trabalho é definido em seu sentido ontológico, a partir de dois aspectos: pelos caminhos que leva à produção e realização humana, à criação e à compreensão da história, mediados pelo conhecimento; e na práxis econômica, a qual pauta-se pela forma hegemônica de compra e venda da

força do trabalho, vinculadas à profissionalização (obtenção do emprego) e como forma de sobrevivência na sociedade (Ciavatta, 2012, p. 92).

Para a superação da realidade dual da educação, é necessário ultrapassar o método tradicional da educação brasileira, que está no sentido contrário do proposto pelo novo normativo legal, e colocar em exercício a educação integrada por meio do trabalho como princípio educativo, tratando dos conhecimentos gerais e técnicos (Sant'ana; Silva e Lemos, 2018). Ter habilidades tanto técnicas quanto científicas é essencial para formar indivíduos capazes de libertar-se, pensar criticamente e serem criativos no contexto em que vivem. Isso também é fundamental para adquirir capacidades que permitam entender e agir diante das novas fundações técnico-científicas do processo de produção (Frigotto, 2012).

O currículo escolar no ensino médio deve acompanhar esta tendência compreendendo três pilares básicos, o homem como ser social, a multiplicidade das relações e as relações de ordem epistêmicas. Estes três pilares fundamentam a nova estrutura educacional (Sant'ana, Silva e Lemos, 2018). Diante da importância que o ensino médio tem para a educação básica do cidadão, é imprescindível que sejam adotadas estratégias para contribuir com a formação integral desse cidadão, objetivando a construção de uma sociedade mais coesa e cada vez menos dual na relação entre as classes.

### **Ensino Médio Integrado**

O ensino médio é a fase final da educação básica no Brasil e contribui para o objetivo da educação básica, que é fornecer às pessoas a formação essencial para o exercício da cidadania no país, permitindo a continuidade da formação ou entrada direta no mercado de trabalho. As principais bases da educação básica no Brasil estão delineadas pela Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDB) e no Plano Nacional de Educação (PNE).

Considerando a educação como base fundamental para a consolidação da democracia, torna-se necessário um planejamento minucioso para a construção de uma sociedade realmente democrática. O sistema educacional dual, que foi imposto às pessoas naquela época, gerou críticas e debates, resultando na defesa de um projeto educacional que propunha uma escola unificada, versátil em suas abordagens e abrangente, em que o ensino médio estivesse integrado à formação profissional (Sant'ana; Silva e Lemos, 2018).

Com o advento da LDB, a reformulação da educação brasileira é constituída e passa a abranger diversos espaços formativos, em que o ensino médio é colocado como última etapa da base educacional, visando à superação da dualidade educacional brasileira. E nessa etapa tem-se a oportunidade de tratar de temas que são fundamentais para a formação de uma sociedade e de cidadãos mais conscientes de sua realidade. Dentro da visão de tal construção, além da abordagem da educação apenas para a realização de um determinado trabalho, objetiva-se a construção de uma educação integrada por meio da qual o homem alcance sua emancipação social (Sant'ana; Silva e Lemos, 2018).

Conforme Sant'Ana, Silva e Lemos (2018, p. 76), “[o] projeto de educação com base na efetivação da escola unitária passa, inicialmente, pela compreensão dos dois sentidos do trabalho: como princípio educativo e como prática social.” Com este entendimento, o trabalho passa a ter duas vertentes educacionais, uma voltada para a práxis humana e para as questões remuneratórias e uma outra associada à prática de produção (Sant'ana; Silva e Lemos, 2018).

### **Sequência didática: apontamentos**

O produto educacional destacado nesta abordagem é a Sequência Didática para o Ensino do Modelo Cooperativista na Educação Técnica Profissional como Ferramenta para a Formação Integral. Araújo (2013, p. 322-323) corrobora este pensamento quando afirma que “sequência didática é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais”.

As sequências didáticas, como conjuntos de atividades, oferecem-nos uma variedade de oportunidades de comunicação, mas que, por si só, não determinam o que é a essência de todo o ensino. Nesse sentido, percebe-se que as relações (intersubjetivas) são de extrema importância no processo de aprendizagem (Zabala, 1998). Nas sequências, as relações interativas nos espaços deverão ocorrer de forma direta, com mediação do professor. O fomento aos debates deve ser uma atitude constante para que as proposições das ideias dos alunos sejam estimuladas.

Ao adotar uma forma de interação construtivista, seria uma abordagem mais adequada por parte do docente para uso desta sequência, pois os fundamentos do modo construtivista de ensinar e aprender oferecem diretrizes para direcionar a prática educativa, especificamente ajudando a identificar as formas como as interações educacionais são moldadas na dinâmica de uma turma (Zabala, 1998). Por meio de

tal abordagem construtivista, os discentes se tornam protagonistas do/no processo de aprendizagem, que é um dos objetivos centrais das sequências didáticas..

Para Araújo (2013, p. 322), “o modelo de sequência didática está associado às pesquisas sobre a aquisição da língua escrita através de um trabalho sistemático com gêneros textuais desenvolvidas pelo grupo de Genebra”, o que esclarece que, em uma sequência didática, tem-se oportunidade de levar o discente à prática. O objetivo da sequência, então, não é um mero repasse de informações, e sim a fomentação de reflexões acerca do contexto social do discente.

Na perspectiva tradicional, o estudante precisa absorver o conhecimento conforme lhe é apresentado, de modo que suas ações se tornam rotineiras, repetindo o que precisa ser aprendido, praticando como uma cópia do exemplo até conseguir fazê-lo automaticamente (Zabala, 1998). A escolha de uma interação tradicional pode fazer com que os objetivos não sejam alcançados.

A sequência didática (SD), portanto, buscará a ampliação da visão dos discentes, principalmente a dos que estudam no curso de técnico em agropecuária. Muitas vezes a falta de conhecimento sobre as possibilidades de atuação podem fazer com que o desenvolvimento social do aluno fique limitado. Por vezes, pode até fazer com que ele escolha uma profissão estranha à sua vontade a fim de obter melhores condições de sobrevivência. Desse modo, a SD mostra-se como alternativa para que o discente conheça tantas possibilidades de atuação profissional, como o espaço de crescimento que podem ganhar a partir do trabalho com grandes proprietários da agropecuária, que buscam projetos de aperfeiçoamento das práticas empregadas em tal campo.

### **Sequência didática para aplicação da abordagem cooperativista**

Este produto educacional consistirá em uma sequência didática para que o docente consiga trabalhar os aspectos do cooperativismo como opção de atuação dos técnicos formados pelo IFAL, bem como para que os discentes ampliem sua visão de consciência de classe e conheça outras alternativas, como a economia solidária, além da prática predatória do capital. Tendo em vista a aplicação desta sequência didática, ela será organizada nas etapas descritas a seguir.

Os tipos de atividades, especialmente sua forma de se articular, são um dos elementos distintivos que determinam a especificidade de diversas propostas de ensino (Zabala, 1998). Assim, cada etapa desta sequência didática procura acionar a

reflexão do aluno para reforçar seu processo de aprendizagem, pois cada etapa está pensada para facilitar a atribuição de significados, por parte dos discentes, no processo de construção do saber.

Na primeira etapa, a qual visa à ampliação da visão de mundo e fomento do debate sobre as relações das classes dominantes e dominadas na conjuntura social brasileira, o professor poderá iniciar o debate com recortes de jornal, revistas ou até mesmo artigos que facilitem a abordagem da realidade de classes no Brasil. É interessante que o discente também busque a contextualização de sua fala com fatos próximos à realidade local para que o discente consiga atribuir mais facilmente um significado ao debate, facilitando, assim, seu processo de reflexão e de aprendizagem.

Na segunda etapa, o professor lançará mão da cartilha básica sobre cooperativismo, que abordará os principais conceitos acerca do tema. O docente também pode buscar outros materiais que reforcem a discussão sobre o assunto. Na cartilha, estarão presentes os principais conceitos para uma abordagem direta e objetiva acerca do cooperativismo.

Na terceira etapa, a atividade tem a intenção de aguçar o interesse dos discentes acerca do tema. O professor poderá pedir aos alunos que realizem uma pesquisa livre sobre o cooperativismo, ou pode delinear a ação subdividindo as pesquisas em eixos “temáticos”.

Na quarta etapa, deve-se mostrar aos discentes as possibilidades de pesquisa que vão desde uma pesquisa sobre as cooperativas e tipos de cooperativismo existentes em Alagoas até a realização de visitas técnicas em cooperativas locais.

Na quinta etapa, após a atividade proposta na etapa 4, o docente deve realizar uma rodada de conversa para que os discentes exponham suas percepções. Este cruzamento de informações servirá de alinhamento de ideias para a próxima etapa da sequência didática.

A sexta etapa, a última etapa desta sequência, buscará fazer com que os alunos exponham seus conhecimentos acerca do cooperativismo por meio de uma feira expositiva, um seminário ou outra forma de atividade expositiva. O ideal é que as exposições sejam sobre cooperativas locais, tanto para facilitar o acesso às informações necessárias quanto para a valorização dos empreendimentos locais.

A forma de situar algumas tarefas em relação às outras, e não somente o tipo de tarefa, é um critério que permite fazer algumas identificações ou caracterizações preliminares da forma de ensinar (Zabala, 1998). Por isso, esta sequência didática

busca organizar suas atividades de forma que a mediação do professor seja facilitada e a participação dos alunos seja protagonizada.

### **Organização social da classe na aplicação da sequência didática**

O processo educativo também perpassa a organização social do espaço de aplicação da sala, esta organização leva em conta idade, nível escolar, curso, entre outros. Para alcançar um objetivo de maior qualidade, busca-se tornar os grandes grupos cada vez mais heterogêneos, pois acredita-se que quanto mais heterogêneo o grupo maior a qualidade do aprendizado (Zabala, 1998).

A construção de espaços foram evoluindo ao longo dos tempos e a criação de diferentes formas de organização é uma resposta às mudanças no ensino, às diferentes visões educacionais e aos conhecimentos psicopedagógicos (Zabala, 1998). A heterogeneidade das classes foram ganhando espaço e a possibilidade de interações se expandiram..

Para esta sequência didática, poderão ser utilizadas a organização que o professor acredita ser mais adequada, porém sugere-se que inicialmente a sala seja organizada em um grande grupo, o que fomentará o debate do tema. De forma mais específica, nas etapas um e dois, o docente, preferencialmente, adotará o modelo de grande grupo para sondar se as abordagens iniciais foram tratadas por todos os participantes.

Na etapa três, as reflexões já podem ser tratadas de forma mais localizada. Por ser uma atividade de pesquisa, cada equipe pode trazer seus resultados ao grande grupo em um debate secundário por meio da apresentação dos resultados da pesquisa realizada. Na próxima etapa, a quatro, o grande grupo é reestabelecido para a realização da visita técnica, que se estende até a etapa cinco, na qual serão tratadas as percepções da visita. Na última etapa, o grupo deve ser dividido novamente para a realização de uma feira expositiva para a apresentação dos conhecimentos absorvidos sobre o tema.

### **Processo avaliativo na sequência didática**

O processo avaliativo para esta sequência didática pode ser realizado de diversas formas, tanto de forma virtual como de forma presencial. A avaliação é considerada um instrumento sancionador e qualificador, em que o sujeito da avaliação é o aluno e somente o aluno. O objetivo da avaliação é a aprendizagem realizada de

acordo com certos objetivos mínimos para todos. Além disso, é um processo necessário para que o docente perceba o grau de aprendizagem do discente e para que a avaliação possa indicar pontos de melhoria no processo. Ademais, o foco da avaliação pode ser o processo de aprendizagem do aluno ou os resultados alcançados, mas também pode ser a intervenção do professor. A avaliação pode ser realizada de forma a garantir uma justiça dos resultados (Zabala, 1998).

Para esta sequência didática, sugere-se que o docente realize avaliações tanto individuais como de grupo. Para as avaliações individuais, o docente pode aplicar uma avaliação a partir de suas percepções sobre o processo de aprendizagem do aluno. Outra avaliação que pode ser realizada é a autoavaliação, em que o discente registrará sua percepção sobre seu processo de aprendizagem.

A avaliação em grupo pode ser realizada na etapa que compreende a feira de exposições das cooperativas. Neste ponto, o docente pode formar uma comissão composta por docentes, para uma avaliação dos aspectos acadêmicos, e uma outra comissão para avaliação dos aspectos técnicos, preferivelmente, formada por pessoas que trabalham em cooperativas.

O processo avaliativo deve ser realizado pelo docente durante todo o processo, sobretudo para garantir que a condução inicial do processo esteja dentro do planejamento. Durante o desenvolvimento da sequência didática, o professor também pode realizar avaliações reguladoras a fim de constatar se o processo prossegue como previsto e o aprendizado está sendo concretizado. No final do processo, a avaliação deverá ser integrada aos eixos supracitados.

### **Considerações finais**

O cooperativismo apresenta-se como uma alternativa viável e eficaz ao modelo econômico capitalista, focando na cooperação ao invés da competição. Ele oferece aos trabalhadores o controle sobre os meios de produção, promovendo a emancipação e uma distribuição mais justa dos recursos e rendas. Esse modelo econômico não só estimula o crescimento sustentável, mas também contribui para a redução das desigualdades sociais, criando um ambiente econômico mais equilibrado e inclusivo.

No Brasil, o movimento cooperativista tem evoluído significativamente desde sua oficialização em 1907, superando desafios e se consolidando por meio de marcos legais importantes. Em estados como Alagoas, o cooperativismo tem mostrado um

crescimento expressivo, impulsionado por políticas de apoio e incentivos fiscais, evidenciando seu potencial para promover o desenvolvimento local e regional. O sucesso do segmento agropecuário, que representa uma parcela significativa do PIB do agronegócio, é um exemplo claro do impacto positivo que o cooperativismo pode ter na economia.

A diversidade do sistema cooperativista, que abrange sete principais ramos de atividades, demonstra sua adaptabilidade e relevância em diferentes setores econômicos. Além de gerar milhões de empregos diretos, o cooperativismo fortalece a economia solidária por meio de organizações que promovem um modelo mais justo e colaborativo. Em suma, o cooperativismo não é apenas uma solução econômica, mas uma filosofia de trabalho e vida que valoriza a cooperação, a solidariedade e o desenvolvimento sustentável.

## Referências

ALAGOAS. Alagoas é o único estado do Nordeste que não cobra taxas para processos empresariais de cooperativas. **Portal Oficial do Governo do Estado de Alagoas**. Maceió, 22 de abril de 2024. Serviço. Disponível em: <https://alagoas.al.gov.br/noticia/alagoas-e-o-unico-estado-do-nordeste-que-nao-cobra-taxas-para-processos-empresariais-de-cooperativas#:~:text=Ao%20todo%2C%20segundo%20a%20Junta,com%20registro%20ativo%20no%20Estado>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ALAGOAS. **Lei nº 6.904, de 3 de janeiro de 2008**. Disponível em: <https://gcs2.sefaz.al.gov.br/#/administrativo/documentos/consultar-gabinete>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ALAGOAS. SEDICS destaca a importância do cooperativismo e impacto na sociedade. **Portal Oficial do Governo do Estado de Alagoas**. Maceió, 22 de abril de 2024. Desenvolvimento Econômico. Disponível em: <https://alagoas.al.gov.br/noticia/sedics-destaca-a-importancia-do-cooperativismo-e-impacto-na-sociedade#:~:text=Sendo%20uma%20das%20atividades%20que,espalhadas%20por%20todo%20o%20estado>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2020 (Alagoas). **Sistema OCB**. Brasília: 2020. Disponível em: [https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/100931/1608152662Anuario\\_2020-vf.pdf](https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/100931/1608152662Anuario_2020-vf.pdf). Acesso em: 17 nov. 2021.

ARAÚJO, Denise Lino. O que é (e como faz) sequência didática?. **Revista de Linguística**. Entrepalavras, Fortaleza, 2013, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.3.3.1.322-334>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Ensino Médio Brasileiro: dualidade, diferenciação escolar e reprodução das desigualdades sociais**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

BELISÁRIO, Ramon Gamoeda; NINAUT, Evandro Scheid; PRADO, Gustavo Rodrigues; MARTINS, Flávia de Andrade Zerbinato. A agropecuária no contexto do cooperativismo História e compromisso de desenvolvimento. **Revista de Política Agrícola**. Ano XIV – Nº 2 – Abr./Maio/Jun. 2005. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/download/538/488>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BRASIL. **LEI Nº 5.764, DE 16 DE DEZEMBRO DE 1971: Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências**. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5764.htm). Acesso em 04 jan. 2021.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. In: RAMOS, M. N.; FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Org.). *Ensino Médio Integrado: concepção e contradições*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CIAVATTA, M. O ENSINO INTEGRADO, A POLITECNIA E A EDUCAÇÃO OMNILATERAL. POR QUE LUTAMOS? / The integrated education, the polytechnic and the omnilateral education. Why do we fight?. **Trabalho & Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CRUZ, Antônio. É caminhando que se faz o caminho: diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. **CAYAPA: Revista Venezuelana de Economía Social**. n. 8. p. 38-57, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/622/62240803.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FERREIRA, André Luiz. Trabalho, Estranhamento e Comunismo em Marx. **Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação de Filosofia – Filogênese**. Marília-SP. vol. 4, nº 01. 2011. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/revistas-eletronicas/filogenese/edicoes-anteriores/2011---volume-41/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14 n. 40, p. 168-194, jan-abr. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000100014>. Acesso em: 22/06/2021.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere: os intelectuais, o princípio educativo – Caderno 12**. 2. ed. Tradução Carlo Nelson Coutinho. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2001.

LIMA, Mário. **Unicafes/AL faz balanço positivo do cooperativismo**. Tribunahoje.com, Maceió, 19 de dezembro de 2022. Cooperativas. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/cooperativas/2022/12/19/113815-unicafesal-faz-balanco-positivo-do-cooperativismo>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NASCIMENTO, Manoel Nelito M. Ensino Médio No Brasil: Determinações Históricas. **Publicatio UEPG Ciências Humanas, Linguística e Artes**. v. 15 nº 1. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/publ.humanas.v15i1.594>. Acesso em: 08 maio 2023.

NOSELLA, Paolo. **Ensino Médio à luz do pensamento de Gramsci**. Campinas, SP: Alínea, 2016.

OCB. **Anuário do cooperativismo 2023**. Disponível em: <https://anuario.coop.br/ramos/agropecuario>. Acesso em: 25 jun. 2024.

OCESP. **Ramos do Cooperativismo**. Disponível em: <https://www.sistemaocesp.coop.br/?a=pagina&c=3>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PINTO, Antônio Henrique. **Repensando o PROEJA**: Concepções para a formação de educadores. Trabalho, Ciência e Cultura Como Princípio e Fundamento da Educação Profissional. IFES: Vitória-ES, 2011.

SANT'ANA, Wallace Pereira, SILVA, Hugo Barros, LEMOS, Glen César. **TECNIA – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFG**. Ensino médio integrado à educação profissional: algumas concepções. v. 3, n. 1. EDITORA IFG: Goiânia-GO. Disponível em: <<http://revistas.ifg.edu.br/tecnica/issue/view/7>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SCHAEFER, Ricardo. Formação integral para o protagonismo responsável: as dimensões da formação do jovem no recanto maestro. **Saber Humano**, ISSN 2446-6298, V. 7, n. 10, p. 32-52, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/issue/view/12>>. Acesso em: 27/05/2023.  
SILVA, Luciano Pereira da. O cooperativismo no Brasil. **Revista de Direito Administrativo**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 489–509, 1945. DOI: 10.12660/rda.v2.1945.8575. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/8575>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

TAFURI, Diego Marques, GONÇALVES JÚNIOR, Luiz. Educação, cultura e economia solidária: a experiência dos trabalhadores do Banco Nascente. **Trabalho e Educação**, v. 24, n. 1, (jan./abr. 2015), p. 31-50, Belo Horizonte: Universidade Federal De Minas Gerais-Ufmg. Faculdade De Educação. Núcleo De Estudos Sobre Trabalho E Educação. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9409/6703>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

TONET, Ivo. Educação e formação humana. **Ideação**. v. 8, n. 9, p. p. 09–21, 2000. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/852>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

UNICOPAS. **Quem somos**. Site institucional. Disponível em: <<https://unicopas.org.br/institucional/>> Acesso em: 12 ago. 2023.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral e do Brasil**: Volume Único. São Paulo: Scipione, 2001.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução: Ernani F. da F. Rosa; revisão técnica: Nalú Farenzena – Porto Alegre: Penso, 2014.

## CAPÍTULO 2:

### PRODUTO EDUCACIONAL PARA ENSINO DO MODELO COOPERATIVISTA COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO INTEGRAL

#### Introdução

Por definição, de acordo com o Sistema de Organizações das Cooperativas Brasileiras (OCB), o cooperativismo é:

mais que um modelo de negócios, o cooperativismo é uma filosofia de vida que busca transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos. Um caminho que mostra que é possível unir desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, produtividade e sustentabilidade, o individual e o coletivo (Organizações das Cooperativas Brasileiras – OCB).

Para facilitar a compreensão da definição acima exposta, é preciso informar que, apesar de a palavra cooperativa obter diversas aplicações, no contexto deste trabalho, o termo é aplicado a organizações geridas pelos seus membros, ditos cooperados, democrática e coletivamente (Neves, Castro e Freitas, 2018). Assim, podemos entender que o cooperativismo coloca os trabalhadores na posição de sócios em uma cooperativa, o que torna este tipo de organização, por si só, uma ferramenta de emancipação dos trabalhadores.

Apesar de o mundo capitalista reconhecer o cooperativismo como um modelo relativamente recente, a cooperação popular é um elemento muito antigo nas relações humanas, desde a pré-história até os tempos atuais (Bialoskorski Neto, 2006, p. 21). A humanidade coopera desde suas origens, o que fortalece este modelo que, com o tempo, se torna mais abrangente no mercado mundial e brasileiro.

Este modelo está cada vez mais difundido pelo mundo, presente em 150 países, com aproximadamente 1,2 bilhão de cooperados, 280 milhões de postos de trabalho, em 3 milhões de cooperativas (SISTEMA OCESP, 2021). De acordo com a Organização de Cooperativas Brasileiras em Alagas - OCB-AL “Cooperativa é uma organização de pessoas que se baseia em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade”. Num sistema cooperativo, percebe-se que o bem-estar coletivo se sobrepõe ao interesse individual.

A lógica cooperativista traz em sua raiz sete princípios, quais sejam, adesão

voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência financeira, educação, formação e informação, intercooperação e interesse pela comunidade (OCB/AL).

No século XIX, o cooperativismo surge como resposta às consequências trazidas pelo capitalismo industrial, como a fome, a miséria, a penúria e outras chagas que afetavam a classe trabalhadora da época. Mais precisamente, em 1832, o movimento cooperativista foi formalizado e alguns princípios foram definidos no congresso de cooperados em Londres e, em 1844, na cidade de Rochdale. Os tecelões redigiram o primeiro estatuto e os princípios que formam as bases cooperativistas (Reisdorfer, 2014).

A primeira corrente, hegemônica, defendeu ao longo dos anos 90 uma política de aumento da eficiência acadêmica, com a introdução de espaços de competição no seio da comunidade científica, por um lado, e, por outro lado, uma vinculação mais próxima com o setor empresarial mediante a contratação de serviços de ensino e pesquisa. A segunda corrente, ainda que com uma posição claramente crítica em relação à primeira, teve dificuldades em apresentar uma proposta alternativa clara e articulada para a instituição universitária, estabelecendo uma posição em favor do ensino público e gratuito, procurando fortalecer a mobilização sindical e reclamando um novo papel do Estado no apoio à pesquisa e à produção de tecnologia (Cruz, 2004).

Com o crescimento do cooperativismo pelo mundo, surgiu também a necessidade de organização para uma melhor articulação entre os diferentes seguimentos cooperativistas, e, no campo internacional, tem-se a Aliança Cooperativa Internacional (ACI)<sup>1</sup>, que, conforme sua própria declaração, é o órgão responsável por unir, representar e atender às cooperativas pelo mundo. Existente desde 1895, este órgão registra mais de 1 bilhão de cooperados, sendo criado no primeiro congresso cooperativo realizado com a participação de diversos países (SISTEMA OCB, 2023).

Conforme declaração disponível no endereço eletrônico da ICA, sua missão é registrada da seguinte forma: “A Aliança Cooperativa Internacional defende os interesses e o sucesso das cooperativas e lhes dá uma voz global e um fórum para conhecimento, experiência e ação coordenada”. Esta missão destaca a essência do papel da Aliança como órgão que resguarda os princípios cooperativos no mundo. A

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico do ACI: <https://www.ica.coop/es>.

Aliança Cooperativa Internacional tem representações regionais e setoriais (ICA, 2023).

Considerando a lógica da educação integral, este trabalho abordará o ensino do cooperativismo como alternativa no mercado que, por sua vez, contribuirá para uma formação integral do ser humano. Para a formação integral do homem, segundo Marx (1983, apud Maciel, Jacomeli, Brasileiro, 2017, p. 475), a educação parte de três pilares, quais sejam:

1. Educação intelectual; 2. Educação corporal, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica e militares; 3. Educação tecnológica, que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais (Marx 1983, Apud Maciel, Jacomeli, Brasileiro, 2017, p. 475).

Nessa linha de entendimento, dentro do Brasil, apontar para a educação tecnológica como apenas uma vertente isolada em relação ao trabalho não é a maneira mais adequada desde a origem em Marx, mas sim uma educação ampla envolvendo as três vertentes (Maciel, Jacomeli, Brasileiro, 2017).

O último levantamento do IBGE, realizado em 2017, demonstra uma maior concentração de terras em mãos de um menor número de proprietários; em contrapartida, a área utilizada para agropecuária cresceu substancialmente, o que significa que os grandes agropecuaristas cresceram em detrimento dos menores (Guimarães, 2019).

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a agricultura familiar ocupa uma extensão de área de 80,9 milhões de hectares, o que representa 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. A mesma empresa afirmou também que 77% dos estabelecimentos agropecuários estão classificados como agricultura familiar, o que demonstra a concentração de terras nas mãos dos grandes produtores (Embrapa, 2023).

Diante desta realidade, cabe aos novos profissionais da agropecuária alagoana a reflexão sobre possíveis alternativas de enfrentamento deste cenário desfavorável aos pequenos agropecuaristas, provocado pela dualidade que esta instaurada na sociedade brasileira. Contudo, o processo de educação integral pode contribuir para que os indivíduos possam entender melhor seu contexto social e, com isto, auxiliar na ampliação da visão crítica sobre a na qual estão inseridos. O modelo cooperativista unido à educação integral poderá contribuir para a formação de um ser

humano consciente. Dentro deste contexto desfavorável aos pequenos produtores, este trabalho vem refletir acerca das problematizações abaixo:

- Como o estudo do sistema cooperativista pode influenciar na visão do aluno do curso técnico em agropecuária para formas alternativas de atuação no mercado?
- Os conhecimentos sobre cooperativismo podem ajudar a formação integral do aluno como um cidadão consciente?

Diante das problemáticas identificadas, percebe-se que a sociedade brasileira apresenta grande desigualdade, que segue sendo reproduzida a cada geração, o que a faz crescer com o passar do tempo. Além disso, a tendência neoliberal torna esta realidade ainda mais vulnerável, pois busca reduzir os controles sociais mínimos construídos pelos movimentos liderados por classes mais baixas (Netto e Braz, 2009).

O mercado no Brasil traz um grau elevado de competitividade, o qual se baseia em uma dita meritocracia cujas condições de competição são totalmente desiguais dentro deste modelo social. Conforme dito por Gomes, Ávila e Valentim (2018, n.p.) “a responsabilização individual tende a valorizar o discurso da meritocracia e a permanência do conceito de classes se torna essencial para a compreensão e o rompimento com as relações sociais e políticas vigentes”.

O mercado tende a ser muito duro com os pequenos produtores em geral, dada a sua baixa capacidade para a obtenção de recursos, capacitação e inovação. Conforme o Serviço Nacional de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a mortalidade de micro e pequenas empresas teve sua maior taxa no ano de 2020. Em um levantamento desse órgão, publicado em um artigo da Agência Brasil, por Antônio Claret Guerra (2021), destaca-se que:

[...] ao analisar a sobrevivência por setor, o levantamento mostrou que a maior taxa de mortalidade é verificada no comércio, onde 30,2% fecham as portas em cinco anos. Na sequência, aparecem indústria de transformação (com 27,3%) e serviços, com 26,6%. As menores taxas de mortalidade estão na indústria extrativa (14,3%) e na agropecuária (18%) (GUERRA, 2021).

A sociedade brasileira, de forma estrutural, é consideravelmente dualizada e não consegue sair de seu ciclo de subdesenvolvimento, o que tende a não colocá-la na categoria de país desenvolvido, permanecendo apenas como um país produtor de riqueza, e isso o mantém na condição de explorado. O esforço dos pequenos para

seu desenvolvimento é muito desproporcional na realidade do mercado e a união deles pode ser uma opção para a construção de um sistema mais sustentável. Porém, esse ciclo de subdesenvolvimento, abordado na obra *O Ornitorrinco*, atende aos preceitos das classes dominantes e dificulta muito o surgimento de oportunidades para as classes dominadas, sendo a construção político social do Brasil pensada para o favorecimento de poucos em detrimento da precarização de muitos (Oliveira, 2003).

Considerando a linha da educação integral, busca-se formar um indivíduo mais completo por meio da lógica da politecnia que, por sua vez, pode ser definida da seguinte maneira::

Politecnia, portanto, é o princípio pedagógico que se fundamenta na concepção de que o homem é um ser histórico-cultural, constituído a partir de sua práxis social, cuja consequência é o desenvolvimento potencial de múltiplas capacidades cognitivas, sensíveis, físicas e sociais determinantes de sua humanização integral (Maciel, Jacomeli, Brasileiro, 2017, p. 476).

Por meio da visão estabelecida pela teoria da educação integral, a formação do ser humano deve contemplar todas as áreas de sua existência: quanto maior o conhecimento sobre os modelos econômicos diferentes, maior o entendimento do contexto social no qual o discente está inserido.

Diante dessas condições, para efeito de realização do trabalho, o objetivo principal do trabalho era investigar como o ensino do modelo cooperativista, no sentido extensionista, pode contribuir para a formação integral dos alunos do curso técnico em agropecuária.

De forma mais específica, os objetivos foram abordar a temática da consciência de classe com casos práticos do mercado para articular o entendimento da importância da cooperação visando ao desenvolvimento profissional, pessoal, social e econômico; investigar a capacidade de compreensão dos discentes em relação ao contexto de mercado ao qual serão inseridos; e elaborar, com o propósito de auxiliar os docentes, uma sequência didática para a aplicação dos conteúdos sobre o sistema cooperativista.

Um produto educacional é muito importante para a construção do conhecimento na trajetória de aprendizagem do discente. Conforme Silva e Souza (2018), tal produto “resulta de um processo de reflexão da vivência cotidiana em sala de aula, que perpassa o recurso didático”. O produto, portanto, ajudará na formação do aluno e no desenvolvimento dos conhecimentos.

Em uma abordagem mais direta, Kaplún (2003, p. 46) trata o produto educacional “um material educativo como objeto que facilita a experiência de aprendizado; ou, se preferirmos, uma experiência mediada para o aprendizado”. A partir dessa afirmação, percebe-se a importância do produto educacional no processo formativo.

Além disto, ainda refletindo sobre a perspectiva de Silva e Souza (2018, p. 06), “tal produto não é uma mera exposição didática de uma escola para outra [...]. Pelo contrário, é vivo, contém fluência, movimento e nunca está pronto e acabado.” Desta ótica, um produto educacional é uma ferramenta que contribui para o processo educacional.

Outro aspecto importante trazido pelo autor supracitado é o de que um material meramente informativo não pode ser tratado como educativo. Informar não é, necessariamente, educar, pois este último vai além da informação encontrada em qualquer material (Kaplún, 2003).

Ainda sobre o produto educacional, ele se estrutura em torno de alguns aspectos, que são o da criação, o do material e o do seu uso posterior. Tais aspectos viabilizam uma melhor identificação para o desenvolvimento e a avaliação de produtos educacionais. Nos aspectos da criação, podemos destrinchá-los em três eixos, que são o conceitual, o pedagógico e o comunicacional. No eixo conceitual, que consiste na detecção dos elementos/conteúdos que farão parte no produto educacional, é importante conhecer as reais necessidades dos usuários, público-alvo, deste produto (Kaplún, 2003). No eixo pedagógico, será observada a real aplicação educacional do produto e indicada qual metodologia e ele será atrelada, além de servir como ponto de conferência para a afirmação da problemática criada na fase conceitual. E o eixo comunicacional visa ao modo como o material será apresentado ao usuário, de forma a garantir que a ferramenta alcance o objetivo de formar o usuário dentro da proposição do objeto do produto educacional (Kaplún, 2003). E, entre as opções dos produtos educacionais, a sequência didática tem uma aplicação prática e pode ajudar na formação integral dos discentes. Para uma contribuição para uma aprendizagem integral, a sequência didática pode agregar aspectos que complementam seu currículo escolar e, neste caso, iremos utilizar uma sequência didática para o ensino do modelo cooperativista.

## **Materiais e métodos**

Esta pesquisa foi realizada em uma abordagem de cunho misto, ou seja, qualitativo e quantitativo. A metodologia proposta para a realização desta pesquisa é a pesquisa-ação, por se tratar de aplicação técnica e observações na aplicação do produto educacional para um determinado tema.

Cabe destacar que o grupo de participantes foi formado por estudantes do ensino médio integrado do curso técnico em agropecuária, ressalta-se, também, que a amostra foi composta por 28 discentes do ensino médio técnico. Os critérios para inclusão de um discente na pesquisa foram: ser discente do curso técnico em agropecuária do campus Satuba do Instituto federal de Alagoas e assinar os termos de consentimento adequado. E os critérios de exclusão foram não ser discente do curso técnico em agropecuária do campus Satuba do Instituto federal de Alagoas ou os discentes do curso técnico em agropecuária do campus Satuba do Instituto federal de Alagoas que não estiveram no campus no dia e horário da aplicação dos instrumentos de coleta.

O método da pesquisa-ação foi adotado por ser o mais ajustado para a pesquisa a ser realizada, pois na pesquisa será realizada a aplicação de um produto educacional, mais precisamente uma sequência didática, o que reflete na interação entre o pesquisador e a amostra pesquisada.

A coleta de dados decorreu de observações da aplicação do produto educacional por meio da metodologia sugerida pela de pesquisa-ação, que se consistiu na aplicação de um questionário fechado para a especificação do público pesquisado e para o grau de conhecimento sobre o tema, que será aplicado aos participantes antes da intervenção, a qual ocorrerá mediante a aplicação do produto educacional proposto no universo determinado, que está delimitado aos alunos do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Este estudo faz parte da linha de pesquisa de práticas educacionais, e o(s) produto(s) podem ser aplicados principalmente nos cursos técnicos de nível médio do IFAL que tenham relação com o tema.

Os participantes responderam ao questionário de forma remota, espaço disponibilizado pelo campus de Satuba do Instituto Federal de Alagoas para a aplicação do produto educacional ou por meio de e-mail, o que constituiu a etapa quantitativa da pesquisa. Para a apuração dos dados coletados na aplicação do produto educacional, foi adotada a análise descritiva qualitativa das observações

realizadas durante a aplicação do produto educacional, bem como dos materiais produzidos neste processo de aplicação da sequência didática proposta.

Por se tratar de uma abordagem qualitativa, na aplicação da sequência didática, foi utilizada a análise de conteúdo para o estudo das observações realizadas pelo pesquisador na aplicação do produto educacional. Isso ocorreu durante a aplicação do produto educacional, que se deu por meio dos materiais produzidos pelos discentes no processo de aplicação da sequência didática.

Cabe ressaltar que o questionário aplicado teve como princípio a caracterização da amostra, tais como faixa etária, renda, etnia e outras variáveis. Outro elemento importante do questionário foi levantar o grau de conhecimento dos indivíduos sobre o sistema cooperativista.

## Resultados e discussões

### Perfil da amostra

A pesquisa contou com um total de 28 discentes cuja maioria está no ensino subsequente e mais de sessenta por cento da amostra tem 18 anos ou mais. Em sua maioria, os elementos da amostra se identificam de pele parda, mas também há sujeitos negros e brancos. Quanto ao gênero, mais de sessenta por cento se identificam pelo gênero feminino, e os demais elementos pelo gênero masculino. Os estudantes da amostra pertencem a uma classe social da base, com mais de sessenta por cento da amostra com renda até um salário-mínimo, em diversas profissões. Tais dados estão demonstrados nas tabelas a seguir.

Tabela 1: Escolaridade dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
a) 1º ano.	2	7,14%
b) 2º ano.	7	25,00%
c) 3º ano.	10	35,71%
d) Subsequente	9	32,14%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

A maioria dos elementos participantes da pesquisa está no final da sua formação técnica, sendo participantes do terceiro ano do nível médio técnico ou na

etapa subsequente de sua formação, portanto estão na fase decisória sobre qual ocupação seguir, seja em sua formação, seja em outras áreas de atuação.

Tabela 2: Faixa etária dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
a) Até 15 anos.	0	0,00%
b) 16 anos.	3	10,71%
c) 17 anos.	7	25,00%
d) 18 anos.	9	32,14%
e) Acima de 18 anos.	9	32,14%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Quanto à idade, os elementos participantes em sua maioria já são maiores de idade, apresentando mais de 64,2% das pessoas com 18 anos ou mais, ou seja, já estão efetivamente em idade produtiva e disponíveis para o mercado de trabalho.

Tabela 3: Etnia dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
a) Preto.	4	14,29%
b) Pardo.	18	64,29%
c) Indígena.	0	0,00%
c) Amarelo.	0	0,00%
e) Branco.	6	21,43%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Em sua maioria os participantes pertencem a um grupo que se identifica como preto ou pardo, sendo quase oitenta por cento da amostra pertencente a este grupo. Os demais participantes se identificam como brancos e não houve participantes indígenas ou amarelos, cabe ressaltar que o questionário foi aplicado de forma virtual.

Tabela 4: Gênero dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
a) Masculino.	11	39,29%
b) Feminino.	17	60,71%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Mais de sessenta por cento dos participantes se identificam como o gênero feminino, o que reflete a crescente participação das mulheres no mercado, o que é muito importante para a sociedade brasileira.

Tabela 5: Renda familiar dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
a) até um salário-mínimo.	19	67,86%
b) Entre um de dois salários-mínimos.	4	14,29%
c) Entre dois e três salários-mínimos.	3	10,71%
d) Entre três e quatro salários-mínimos.	1	3,57%
e) Acima de quatro salários-mínimos.	1	3,57%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

As pessoas que responderam ao questionário de pesquisa estão, em sua maioria, em famílias com rendas de até um salário-mínimo, o que indica que são pessoas de um grupo econômico mais vulnerável.

Tabela 6: Principais ocupações das famílias dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade
1000	1
Minha mãe é babá 400 reias	1
800 reias	1
Assalariado	1
Assistente Administrativo	1
Aux de Serviços gerais	1
Auxilio permanência do ifal e ajuda familiar	1
Benefícios do governo	1
Bolsa família	1
Diária em faxina.	1
Emprego de diarista da minha mãe	1
Marcenaria	1
Nenhum	1
Nenhuma	1
nenhuma, minha mãe se encontra desempregada.	1
Operador de máquinas agrícolas	1
Pai - Mecânico	1
Professora	1
Rodoviário	1
Salário-mínimo	1
Servidor público	2
Técnico em polímeros	1

Telefonista	1
Trabalhar de gari	1
Trabalho	1
Trabalho (Polícia Militar)	1
Vendedor	1
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Conforme tabela 06, nas famílias das pessoas participantes, as ocupações são as mais variadas e, apesar do curso em questão ser na área de agropecuária, apenas uma ocupação já pertence à área de estudo.

### Conhecimento sobre o sistema cooperativista

Quanto aos elementos relacionados ao sistema cooperativista foi verificado que apenas 21,4% da amostra tem conhecimento sobre o sistema cooperativista e sabem o que é uma cooperativa. Além disso, apenas 17,9% avaliam que tem um bom grau de conhecimento sobre o tema, conforme demonstrado nas tabelas 07, 08 e 09.

Tabela 7: Grau de conhecimento sobre o sistema cooperativista dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
(01) Não conheço.	10	35,71%
(02) Conheço muito pouco.	8	28,57%
(03) Conheço pouco.	4	14,29%
(04) Conheço.	6	21,43%
(05) Conheço muito bem.	0	0,00%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Ao adentrarmos nos conhecimentos sobre o sistema cooperativista, a amostra reflete um alto grau de não conhecimento sobre o tema, o que remete um baixo fomento sobre o tema ou uma abordagem limitada dentro de sua formação profissional.

Tabela 8: Grau de entendimento sobre o que é uma cooperativista dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
(01) Não conheço.	9	32,14%
(02) Conheço muito pouco.	5	17,86%
(03) Conheço pouco.	8	28,57%
(04) Conheço.	6	21,43%
(05) Conheço muito bem.	0	0,00%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Em complemento à informação da tabela 07, a tabela 08 demonstra que a maioria dos estudantes sequer tem entendimento do que de fato é uma cooperativa e isso pode podar uma alternativa de atuação desses elementos no mercado.

Tabela 9: Grau de conhecimento sobre o sistema cooperativista dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL

Item	Quantidade	%
(01) Não conheço.	10	35,71%
(02) Conheço muito pouco.	6	21,43%
(03) Conheço pouco.	7	25,00%
(04) Conheço.	5	17,86%
(05) Conheço muito bem.	0	0,00%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Diante das informações extraídas na pesquisa, fica evidente que a abordagem cooperativista no contexto atual tem sido insuficiente para que os discentes tenham conhecimento suficiente para tomada de decisão no que diz respeito à participação e/ou ao fomento do modelo cooperativista.

Tabela 10: Opinião dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a importância do sistema cooperativista na sociedade

Item	Quantidade	%
(01) Não considero.	5	17,86%
(02) Considero que é muito pouco importante.	1	3,57%
(03) Considero que é pouco importante.	1	3,57%
(04) Considero importante.	15	53,57%
(05) Considero que é muito importante.	6	21,43%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Apesar de os sujeitos não conhecerem bem o sistema cooperativista, a grande maioria avalia que o sistema cooperativista pode ser importante para o contexto social, conforme tabela 10.

Tabela 11: Opinião dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a possibilidade de participação em cooperativa

Item	Quantidade	%
(01) Nunca participaria.	3	10,71%
(02) Tem uma pequena possibilidade de participar.	6	21,43%
(03) Ter uma possibilidade média de participar.	4	14,29%

(04) Provavelmente participaria.	11	39,29%
(05) Com certeza participaria.	4	14,29%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Entretanto, na contramão do que indica a tabela 10, apenas 14,3% participariam de uma cooperativa com certeza. Conforme tabela 11, isso, apesar de aparentar uma contradição, apenas reforça a falta de conhecimento desse tema.

Tabela 12: Opinião dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre o cooperativismo como alternativa para crescimento dos pequenos produtores/empreendedores

Item	Quantidade	%
(01) Não considero.	2	7,14%
(02) Considero que é uma alternativa ruim.	1	3,57%
(03) Considero que é indiferente.	2	7,14%
(04) Considero uma boa alternativa.	15	53,57%
(05) Considero que é uma excelente alternativa.	8	28,57%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

A maioria considera que as cooperativas são uma boa alternativa para o crescimento de pequenos empreendedores, conforme tabela 12, o que reforça a percepção de que o cooperativismo pode auxiliar no desenvolvimento.

Tabela 13: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre o crescimento sobre pequenos negócios com ou sem ajuda

Item	Quantidade	%
(01) Não.	8	28,57%
(02) Considero a possibilidade mesmo que pouca.	14	50,00%
(03) Considero indiferente.	2	7,14%
(04) Acredito que sim.	4	14,29%
(04) Tenho plena convicção de que sim.	0	0,00%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Em complemento ao entendimento do parágrafo anterior, a maioria acredita que um pequeno produtor/empreendedor provavelmente não conseguirá fazer frente aos grandes agentes do mercado e que cooperar seria uma boa alternativa para o crescimento do negócio.

Tabela 14: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre o crescimento sobre pequenos negócios com ou sem ajuda.

Item	Quantidade	%
(01) Trabalhar sozinho e sem ajuda.	2	7,14%
(02) Trabalhar sozinho e com pouca ajuda.	0	0,00%
(03) Trabalhar em parceria sem dependência.	10	35,71%
(04) Trabalhar em parceria com pouca dependência.	10	35,71%
(05) Trabalhar em parceria com muita dependência.	6	21,43%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

A maioria dos participantes da pesquisa entendem que os pequenos produtores teriam mais facilidade de crescer fazendo uso de parceiras, entretanto há o baixo grau de dependência entre os parceiros, o que não reflete o sistema cooperativista.

Gráfico 15: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a concorrência entre pequenas e grandes.

Item	Quantidade	%
(01) Nenhuma chance.	5	17,86%
(02) Pouca chance.	17	60,71%
(03) Indiferente.	2	7,14%
(04) Boas chances.	4	14,29%
(05) Excelentes chances.	0	0,00%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Na continuação desse estudo, a pesquisa demonstra que o entendimento de que os pequenos produtores/empreendedores têm baixas possibilidades de competição com os grandes, pois mais de setenta por cento dos participantes consideram que a chances de competição são poucas ou nenhuma quando estão atuando de maneira individual.

Gráfico 16: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a concorrência entre cooperativas e grandes empresas.

Item	Quantidade	%
(01) Nenhuma chance.	2	7,14%
(02) Pouca chance.	1	3,57%
(03) Indiferente.	4	14,29%

(04) Boas chances.	17	60,71%
(05) Excelentes chances.	4	14,29%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Entretanto, conforme a tabela 16, quando se trata de uma cooperativa, os pesquisados entendem que as chances de competição com os grandes são melhores com quase oitenta por cento opinando por boas ou excelentes chances de competição.

Gráfico 17: Visão dos discentes do ensino médio integrado subsequente do campus Satuba do IFAL sobre a importância das cooperativas para construção social

Item	Quantidade	%
(01) Não é importante.	1	3,57%
(02) Pouco importante.	3	10,71%
(03) Indiferente.	2	7,14%
(04) Importante.	12	42,86%
(05) Muito importante.	10	35,71%
<b>Total Geral</b>	<b>28</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

Com os resultados da pesquisa, infere-se que a abordagem cooperativista pode ser mais difundida no cotidiano da educação profissional e tecnológica para contribuir com a ampliação da visão do discente, pois poucos têm a noção real do que se trata uma cooperativa e suas diversas possibilidades.

Outro fato a se destacar é que este tema tem em sua natureza uma ação integradora e pode ser utilizada para diversos segmentos e mercados, tornando sua aplicação mais abrangente, podendo contribuir de maneira mais ampla para a atividade docente no sentido de integração dos conhecimentos trabalhados.

Por meio de toda a literatura abordada, o tema do cooperativismo se faz ver como uma ferramenta agregadora, que contribui para que os indivíduos compreendam melhor sua perspectiva social e que no mercado existem alternativas além das opções convencionais para a atuação profissional após sua formação.

### Considerações finais

Ao concluir a aplicação desta pesquisa, é possível inferir que a abordagem cooperativista pode ser significativamente mais difundida no cotidiano da educação profissional e tecnológica, contribuindo para a ampliação da visão dos discentes. O

conhecimento limitado que a maioria dos alunos têm sobre o que é uma cooperativa e suas diversas possibilidades desperta para uma necessidade urgente de maior incorporação desse tema nos currículos educacionais.

Além disso, destaca-se que o cooperativismo, por sua natureza integradora, pode ser adaptado para diversos segmentos e mercados. Essa característica torna sua aplicação extremamente abrangente e versátil, proporcionando uma contribuição mais ampla para a atividade docente. A integração dos conhecimentos trabalhados no contexto cooperativista pode enriquecer significativamente a prática educativa, oferecendo aos alunos uma perspectiva mais holística e colaborativa do mercado de trabalho.

A elaboração de uma sequência didática voltada para o ensino do modelo cooperativista mostrou-se não apenas viável, mas também necessária. Essa sequência didática tem o potencial de capacitar os alunos do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal de Alagoas, campus Satuba, para enfrentar os desafios do mercado de trabalho de maneira mais colaborativa e sustentável.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Aspectos econômicos das cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

CRUZ, Antônio. **É caminhando que se faz o caminho**: diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. **CAYAPA Revista Venezuelana de Economía Social**. n. 8. p. 38-57, 2004. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/622/62240803.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Tema: Agricultura Familiar**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/tema-agricultura-familiar/sobre-o-tema>>. Acesso em: 31 mar. 2024.

GOMEZ, L.; MARTINES-ÁVILA, D.; VALENTIM, M. L. P. Pós-Modernidade, Capitalismo e Conhecimento: Uma Análise Crítica. **Complexitas - Rev. Fil. Tem.** Belém, v. 3, n. 1, p. 120-129, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/6637>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

GUERRA, Antônio Claret. **Sebrae: pequenos negócios tem a menor taxa de mortalidade**. Agência Brasil. Belo Horizonte, 27 de junho de 2021. Economia. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-06/sebrae-pequenos-negocios-tem-maior-taxa-de-mortalidade>. Acesso em: 20 jul. 2022.

GUIMARÃES, Jucá. Maior concentração de terras revelada pelo Censo Agropecuário incentiva desmatamento e conflitos. **Repórter Brasil**: 2019. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2019/11/maior-concentracao-de-terras-revelada-pelo-censo-agropecuario-incentiva-desmatamento-e-conflitos/>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

KAPLÚN, Gabriel. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 27, p. 46–60, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i27p46-60. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491>>. Acesso em: 27 maio 2024.

MACIEL, Antônio Carlos, JACOMELI, Mara Regina Martins, BRASILEIRO, Tânia Suely Azevedo. Fundamentos da Educação Integral Politécnica: Da Teoria à Prática. **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. v. 38 n. 139, p. 473-488, abr-jun. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260089>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

NEVES, Mateus Carvalho Reis, CASTRO, Lucas Siqueira de, FREITAS, Carlos Otávio de. O impacto das cooperativas na produção agropecuária brasileira: uma análise econométrica espacial. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Nº 57 (4), Oct-Dec 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9479.2019.187145>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

OCESP. **Ramos do Cooperativismo.** Disponível em: <<https://www.sistemaocesp.coop.br/?a=pagina&c=3>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

OCB. **Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2020.** Sistema. Brasília: 2020. Disponível em: <[https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/100931/1608152662Anuario\\_2020-vf.pdf](https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/100931/1608152662Anuario_2020-vf.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2021.

OCB. **Cooperativismo.** Sistema OCB/AL. Disponível em: <<http://ocb-al.coop.br/cooperativismo#>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

OCB. **Qué es una cooperativa.** Alianza Cooperativa Internacional. Belarus: 2022. Disponível em: <<https://ica.coop/es/cooperativas/que-es-una-cooperativa>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

OLIVEIRA, Francisco. **A Economia Brasileira: Crítica à razão dualista – O ornitorrinco.** São Paulo: Boitempo, 2003.

REISDORFER, Vitor Kochhann. **Introdução ao cooperativismo.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2014. Disponível em: <<https://central3.to.gov.br/arquivo/453446/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry et alli. **Pesquisa Social; Métodos e Técnicas.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Keila Crystyna Brito e; SOUZA, Ana Cláudia Ribeiro de. **MEPE: Metodologia para elaboração de produto educacional. 2018.** Produto educacional (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/355>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

**CAPÍTULO 3:****PRODUTO EDUCACIONAL – SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM DO  
MODELO COOPERATIVISTA**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - PROFEPT

---

ACÁCIO BENTO DOS SANTOS

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM  
DO MODELO COOPERATIVISTA**

MACEIÓ/AL  
2024

---

**ACÁCIO BENTO DOS SANTOS**  
**ORIENTADOR: NELSON VIEIRA DA SILVA MEIRELLES**



**SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM  
DO MODELO COOPERATIVISTA**

**MACEIÓ/AL**  
**2024**

---

**DADOS INTERNACIONAIS DE  
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS AVANÇADO BENEDITO BENTES**

---



# SUMÁRIO

---

## CAPÍTULO 3: PRODUTO EDUCACIONAL

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM DO MODELO COOPERATIVISTA

<b>Introdução</b>	4
<b>Roteiro</b>	5
<b>Etapa 01: contextualização</b>	5
<b>Etapa 02: contato inicial</b>	5
<b>Etapa 03: aprofundamento</b>	5
<b>Etapa 04: conhecendo a realidade local</b>	5
<b>Etapa 05: compartilhando percepções</b>	6
<b>Etapa 06: exposição</b>	6
<b>Considerações finais</b>	6
<b>Referências</b>	7

## INTRODUÇÃO

A sequência didática que apresentamos busca orientar os docentes numa interação teórica e prática para a realização de uma abordagem para o ensino do modelo cooperativista no ensino médio, possibilitando uma ampliação da visão de mundo dos discentes.

O cooperativismo, definido como um modo de produção em que a posse dos meios de produção está nas mãos de quem produz, tem sido reconhecido como uma filosofia de vida que busca transformar o mundo em um lugar mais justo, equilibrado e com melhores oportunidades para todos. Esta vertente da economia representa um contraponto à concentração dos meios de produção conforme os fundamentos do capitalismo.

Este tema poderá contribuir para a formação integral dos discentes, pois oferta a interação em diversos aspectos, sejam sociais, com base na interação entre as classes, sejam de mercado, pois as cooperativas atuam no mercado capitalista como qualquer outra empresa. Nessa perspectiva, pode-se contribuir para uma reflexão que transpõe o âmbito escolar.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O COOPERATIVISMO

O cooperativismo é uma alternativa econômica em que os próprios produtores possuem e controlam os meios de produção. Isso significa que os trabalhadores têm participação direta na gestão e nos lucros gerados por seu trabalho. Esse modelo se diferencia do capitalismo, no qual a propriedade dos meios de produção é frequentemente concentrada em mãos de poucos indivíduos ou corporações, resultando em uma distribuição desigual da riqueza e do

poder. No cooperativismo, a ênfase está na colaboração e na igualdade, promovendo uma distribuição mais justa dos recursos e benefícios econômicos (Tarufi, Júnior, 2015).

Por definição, de acordo com o Sistema de Organizações das Cooperativas Brasileiras (OCB), o cooperativismo é: *mais que um modelo de negócios, o cooperativismo é uma filosofia de vida que busca transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos. Um caminho que mostra que é possível unir desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, produtividade e sustentabilidade, o individual e o coletivo.*

Embora o cooperativismo seja considerado um modelo relativamente novo no contexto do mundo capitalista, a prática da cooperação entre as pessoas é, na verdade, uma característica antiga das relações humanas. Desde os tempos pré-históricos, os indivíduos têm trabalhado juntos de forma colaborativa para alcançar objetivos comuns e sobreviver em ambientes muitas vezes hostis. Essa tradição de ajuda mútua e esforço conjunto tem evoluído ao longo dos séculos, manifestando-se de diferentes maneiras em diversas culturas e épocas, e continua a ser uma parte fundamental das interações sociais até os dias de hoje. (Bialoskorski Neto, 2006, p. 21). A humanidade coopera desde suas origens, o que fortalece este modelo que com o tempo se torna mais abrangente no mercado mundial e brasileiro.

A lógica cooperativista traz em sua raiz sete valores, quais sejam, adesão voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência financeira, educação, formação e informação, intercooperação, e interesse pela comunidade (OCB/AL).

Com o crescimento do cooperativismo pelo mundo, surgiu também a necessidade de organização para uma melhor articulação entre os diferentes seguimentos cooperativistas, e no campo internacional tem-se a Aliança Cooperativa Internacional (ACI)<sup>1</sup>, que, conforme sua própria declaração, é o órgão responsável por unir, representar e atender às cooperativas pelo mundo. Existente desde 1895, esse

órgão registra mais de 1 bilhão de cooperados, sendo criado no primeiro congresso cooperativo realizado com a participação de diversos países (SISTEMA OCB, 2023).

As sequências didáticas, compostas por diversas atividades, oferecem muitas oportunidades de comunicação. No entanto, elas não definem, por si só, a essência do ensino. Assim, é possível perceber que as relações desempenham um papel crucial no processo de aprendizagem (Zabala, 1998). Nesta sequência, as relações interativas nos espaços de ensino deverão ocorrer de forma direta com mediação do professor para que, por meio do tema de cooperativismo, ocorra a contribuição para uma formação integral acerca dele.

## ROTEIRO ETAPA 1: CONTEXTUALIZAÇÃO

Na primeira etapa, a qual visa a ampliação da visão de mundo e o fomento do debate sobre as relações das classes dominantes e dominadas na conjuntura social brasileira, o professor poderá iniciar o debate com recortes de jornal, revistas ou até mesmo artigos que facilitem a abordagem da realidade de classes no Brasil.

Sugere-se que o docente estimule seus discentes a entender a contextualização social na qual ele se encontra, com fatos próximos à realidade local para que o discente consiga atribuir mais facilmente um significado ao debate, facilitando, assim, seu processo de reflexão e aprendizagem.

Não há uma limitação ideológica para o debate, sem defender o que estaria certo ou errado, apenas para que os discentes exponham seus pontos de vista sobre o tema em questão.

## ETAPA 2: CONTATO INICIAL

Na segunda etapa, o professor lançará mão da “cartilha básica sobre cooperativismo” (ver anexo), que aborda os principais conceitos acerca do tema. O docente também pode buscar outros materiais que reforcem a discussão teórica/conceitual a respeito do tema.

Na cartilha, portanto, estarão presentes os principais conceitos para uma abordagem direta e objetiva acerca do cooperativismo, para facilitar o acesso às características básicas dele, cujas informações foram retiradas dos principais órgãos de cooperativismo do país.

## ETAPA 3: APROFUNDAMENTO

Na etapa três, a atividade tem a intenção de aguçar o interesse dos discentes acerca do tema. O professor poderá solicitar que os alunos realizem uma pesquisa livre sobre o cooperativismo, ou pode delinear a ação subdividindo as pesquisas em eixos “temáticos”.

Diante disso, os discentes podem realizar pesquisas independentes, seja em grupos, seja individualmente, de forma presencial ou remota, poderá também ser uma atividade de casa, e, com as pesquisas realizadas, sugere-se ao docente que fomente um debate mais específico do tema.

## ETAPA 4: CONHECENDO A REALIDADE LOCAL

Na quarta etapa, deve-se mostrar ao discente a realidade local, o que pode ser realizado de diversas formas, desde uma pesquisa sobre as cooperativas e tipos de cooperativismo existentes em Alagoas, até a realização de visitas técnicas em cooperativas locais.

O intuito desta etapa é fazer com que os discentes percebam que a teoria abordada na etapa anterior está de fato implantada na prática e que a lógica cooperativista é uma possibilidade real e, com

efeito, passa a ser uma alternativa extremamente válida para a geração de emprego e a distribuição de renda.

## ETAPA 5: COMPARTILHANDO PERCEPÇÕES

Na etapa cinco, após a realização da atividade proposta na quarta etapa, o docente pode realizar uma rodada de conversa para que os discentes exponham suas percepções. Este cruzamento de informações servirá de alinhamento de ideias desses discentes para entender a dinâmica cooperativista em sua região.

Esta etapa fornecerá as bases para a próxima etapa, pois ressalta-se que a etapa cinco é uma das que mais vai contribuir para a formação do discente, principalmente por sinalizar oportunidades de atuação deles após a sua formação técnica.

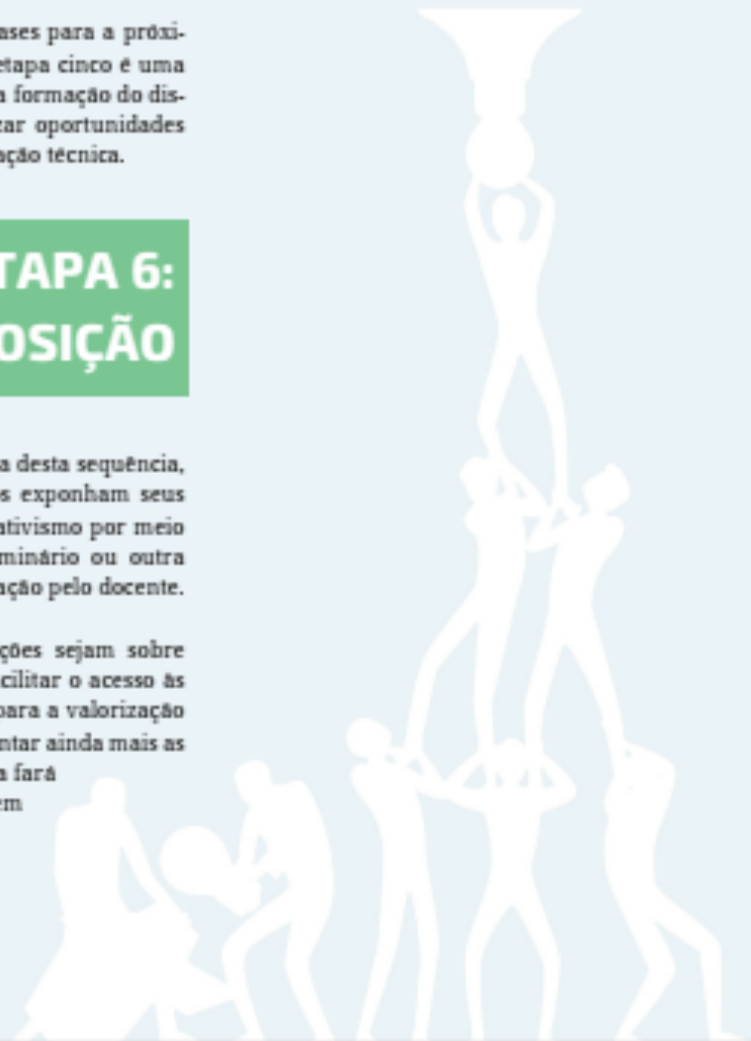
## ETAPA 6: EXPOSIÇÃO

A etapa seis, a última etapa desta sequência, buscará fazer com que os alunos exponham seus conhecimentos acerca do cooperativismo por meio de uma feira expositiva, um seminário ou outra forma que for possível para aplicação pelo docente.

O ideal é que as exposições sejam sobre cooperativas locais, tanto para facilitar o acesso às informações necessárias quanto para a valorização das cooperativas locais para fomentar ainda mais as tratativas sobre o tema. Esta etapa fará com que os discentes se aproximem da prática cooperativista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos verificar que o cooperativismo não apenas oferece uma alternativa econômica, mas também se revela como uma ferramenta educacional para a formação integral dos indivíduos. Ao promover valores de solidariedade, democracia e participação, o cooperativismo contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Este trabalho visa fornecer uma estrutura educacional que capacite os alunos a compreenderem e aplicarem os princípios cooperativistas em suas vidas e comunidades, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de forma consciente e colaborativa.



# REFERÊNCIAS

**BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo.** Aspectos econômicos das cooperativas. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

**TAFURI, DIEGO MARQUES, GONÇALVES JÚNIOR, LUIZ.** Educação, cultura e economia solidária: a experiência dos trabalhadores do Banco Nascente. Trabalho e Educação, v. 24, n. 1, (jan./abr. 2015), p. 31-50, Belo Horizonte: Universidade Federal De Minas Gerais-Ufmg. Faculdade De Educação. Núcleo De Estudos Sobre Trabalho E Educação.

Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9409/6703>>. Acesso em: 06/07/2021.

**ZABALA, ANTONI.** A prática educativa: como ensinar [recurso eletrônico]. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Penso, 2014.

\_\_\_\_\_. Cooperativismo. Sistema OCB/AL.

Disponível em: <<http://ocb-al.coop.br/cooperativismo#>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

**ANEXO A – CARTILHA BÁSICA SOBRE COOPERATIVISMO**



**CARTILHA  
BÁSICA SOBRE  
COOPERATIVISMO**

**Uma abordagem simples sobre a  
história, princípios e tipos de  
cooperativismo.**

**AUTOR: ACACIO BENTO DOS SANTOS  
ORIENTADOR: NELSON VIEIRA DA SILVA MEIRELLES**

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal de Alagoas  
Campus Avançado Benedito Bentes

# INTRODUÇÃO

O cooperativismo é um tipo de organização que busca resolver questões sociais, culturais e financeiras por meio da colaboração entre seus membros. As cooperativas trabalham em conjunto para promover o bem-estar coletivo em detrimento das vantagens individuais. Os fundamentos do cooperativismo, sua evolução e variedades são abordados nesta cartilha, passando pela história, desde suas origens até sua em todo o mundo. O cooperativismo também foi importante no Brasil. Vamos examinar a evolução do cooperativismo também no âmbito brasileiro, enfatizando os marcos significativos e como eles se integraram à sociedade.



Símbolo internacional das cooperativas

Como modelo social e econômico, o cooperativismo tem raízes em várias culturas e épocas. A busca por equidade, solidariedade e autossuficiência marcam sua história. A origem do cooperativismo remonta ao início da Revolução Industrial na Inglaterra, no século XIX, quando trabalhadores em condições de trabalho precárias se uniram em sociedades de ajuda mútua. A adesão voluntária, a gestão democrática e a distribuição equitativa de benefícios são os princípios fundamentais que ainda orientam o cooperativismo.

O cooperativismo se espalhou por muitas nações da Europa no final do século XIX e início do século XX, impulsionado por princípios socialistas e pela busca por uma alternativa ao capitalismo industrial. As cooperativas agrícolas se multiplicaram na França, fortalecendo a solidariedade entre os agricultores. Na Alemanha, o movimento cooperativista ganhou força no setor agrícola e bancário.

Além disso, o modelo coo-

perativo encontrou oportunidades em outros continentes, cooperativas agrícolas foram criadas nos Estados Unidos para lidar com problemas comerciais e econômicos, cooperativas surgiram como alternativa pelas desigualdades sociais e econômicas na América Latina geradas pelo sistema comum. Destaca-se também o surgimento de cooperativas de crédito, que ajudaram no desenvolvimento rural. O cooperativismo continuou a se expandir em todo o mundo no século XX, alcançando áreas como consumo, habitação, saúde e educação.

O surgimento da Aliança Cooperativa Internacional (ACI)

une cooperativas de todo o mundo para promover a cooperação e o compartilhamento de melhores práticas. O cooperativismo também se adaptou aos desafios contemporâneos, como a sustentabilidade e a responsabilidade social. Por fim, a história do cooperativismo é repleta de histórias de solidariedade em que as pessoas se unem para lidar com os desafios comuns e criar oportunidades para um futuro mais justo. O cooperativismo continua a inspirar novas gerações e a trabalhar para alcançar um desenvolvimento sustentável e inclusivo à medida que o mundo muda.

## HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO NO MUNDO

# HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO NO BRASIL

O cooperativismo no Brasil começou no final do século XIX, com os primeiros modelos de cooperativas surgindo. Ao longo dos anos, o movimento cooperativista, sustentado pelos princípios de solidariedade, cooperação e autogestão, ganhou força e contribuiu significativamente para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

No século XX, o cooperativismo no Brasil passou por várias fases de crescimento e fracasso. Este movimento evoluiu como resultado da industrialização e urbanização do país. No entanto, o cooperativismo no país também enfrentou desafios, como uma governança instável, uma economia desequilibrada e políticas desfavoráveis. As cooperativas são frequentemente associadas a estigmas e preconceitos em relação ao modelo de negócios que empregam. Isso se aplica particularmente aos modelos de negócios convencionais.

O cooperativismo brasileiro passou por um processo de profissionalização e modernização nas últimas décadas para se adaptar às mudanças na economia e na sociedade. Muitos brasileiros são ativos em cooperativas em vários setores, tornando o Brasil um dos principais países em termos de cooperativistas e membros. As cooperativas são uma ferrame

nta significativa para fomentar a inclusão social, a expansão da economia local e a melhoria das condições de vida de seus membros no Brasil. Além disso, o modelo cooperativista tem sido considerado uma alternativa viável e sustentável para lidar com os problemas modernos, como a concentração de riqueza, a desigualdade econômica e o fenômeno do aquecimento global.

Por último, mas não menos importante, a história do cooperativismo no Brasil é marcada por perseverança, colaboração e avanço. As cooperativas, que começaram humildemente e se tornaram uma parte importante da economia brasileira, continuam a desempenhar um papel importante na criação de um país mais justo e sustentável.

## PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO

Os princípios do cooperativismo são um conjunto de valores e diretrizes que guiam o funcionamento e as práticas das cooperativas em todo o mundo. Esses princípios foram estabelecidos pela primeira vez pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), em 1844, e foram revisados ao longo do tempo para refletir as mudanças no movimento cooperativista. Atualmente, os princípios

do cooperativismo estão definidos na Declaração sobre a Identidade Cooperativa, adotada pela ACI em 1995. Aqui estão os sete princípios do cooperativismo:

**1. Adesão voluntária e livre:** As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas capazes de usar seus serviços e dispostas a aceitar as responsabilidades de serem membros, sem discriminação de gênero, raça, classe social, religião ou orientação política.

**2. Gestão democrática pelos membros:** As cooperativas são controladas democraticamente por seus membros, que participam ativamente da formulação de políticas e da tomada de decisões. Cada membro tem direito a um voto, independentemente do número de ações que possui.

**3. Participação econômica dos membros:** Os membros contribuem equitativamente para o capital de suas cooperativas e controlam democraticamente o capital. Parte do excedente gerado pela cooperativa é geralmente destinada à constituição de reservas, à remuneração do capital investido e à distribuição de sobras, com base no uso dos serviços ou na participação nas atividades da cooperativa.

**4. Autonomia e independência:** As cooperativas são organizações autônomas, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo governos, ou levantarem capital de fontes externas, devem fazê-lo em termos que garantam o controle democrático pelos membros

e mantenham a autonomia da cooperativa.

**5. Educação, formação e informação:** As cooperativas fornecem educação e treinamento para seus membros, eleitos representantes, gerentes e funcionários, para que possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento da cooperativa. Elas também informam o público em geral sobre a natureza e os benefícios do cooperativismo.

**6. Cooperação entre cooperativas:** As cooperativas servem aos seus membros mais efetivamente e fortalecem o movimento cooperativista ao trabalhar em conjunto por meio de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais.

**7. Preocupação com a comunidade:** As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades por meio de políticas e programas aprovados por seus membros.

Esses princípios fundamentais do cooperativismo orientam o funcionamento das cooperativas em todo o mundo, refletindo os valores de solidariedade, igualdade, responsabilidade e preocupação com o bem-estar comum.

## TIPOS DE COOPERATIVAS

O cooperativismo é um movimento que abrange uma variedade de tipos de cooperativas, cada uma voltada para atender às necessidades específicas de seus membros e comunidades. Aqui estão os principais tipos de cooperativismo existentes:

**1. COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO:** Essas cooperativas são formadas por trabalhadores ou produtores que se unem para produzir bens ou serviços. Os membros colaboram no processo produtivo e compartilham os resultados de forma equitativa. Exemplos incluem cooperativas agrícolas, de pesca, de artesanato, de produção industrial, entre outras.

**2. COOPERATIVAS DE CONSUMO:** Neste tipo de cooperativa, os consumidores se associam para adquirir bens ou serviços de forma conjunta e mais vantajosa. As cooperativas de consumo negociam diretamente com produtores ou fornecedores para obter preços mais baixos e melhores condições para seus membros. Exemplos incluem cooperativas de supermercados, farmácias, lojas de produtos orgânicos, entre outras.

**3. COOPERATIVAS DE CRÉDITO:** Também conhecidas como cooperativas financeiras,

essas organizações oferecem serviços bancários e de crédito aos seus membros. As

cooperativas de crédito são controladas pelos próprios depositantes e mutuários, que participam das decisões e compartilham os resultados financeiros da instituição. Elas podem oferecer uma variedade de produtos financeiros, como contas correntes, empréstimos, investimentos, seguros, entre outros.

**4. COOPERATIVAS DE TRABALHO:** Neste tipo de cooperativa, os trabalhadores se unem para criar empregos e oportunidades de trabalho autogeridas. Os membros compartilham responsabilidades de gestão, tomada de decisões e resultados financeiros da empresa. As cooperativas de trabalho podem atuar em diversos setores, como serviços, indústria, tecnologia, educação, entre outros.

**5. COOPERATIVAS DE HABITAÇÃO:** Essas cooperativas são formadas por pessoas que se unem para adquirir, construir ou administrar propriedades residenciais. Os membros compartilham os custos e benefícios da habitação de forma coletiva, promovendo o acesso a moradias dignas e sustentáveis. As cooperativas de habitação podem oferecer serviços como financiamento

administração de condomínios, construção de moradias populares, entre outros.

**6. COOPERATIVAS DE SERVIÇOS:** Este tipo de cooperativa fornece uma variedade de serviços para seus membros e comunidades locais. Isso pode incluir serviços de saúde, educação, transporte, turismo, cultura, entre outros. As cooperativas de serviços são geridas e controladas pelos próprios usuários, garantindo que as necessidades e os interesses das comunidades sejam atendidos de forma adequada e sustentável.

Esses são apenas alguns dos principais tipos de cooperativismo existentes, e muitas cooperativas operam em áreas que combinam aspectos de diferentes tipos. O importante é que todas essas organizações têm em comum o princípio da autogestão democrática, por meio da qual os membros têm voz ativa nas decisões e compartilham os benefícios do trabalho colaborativo.

## ORGANIZAÇÕES DE APOIO AO COOPERATIVISMO NO BRASIL

No Brasil, existem várias organizações que apoiam e promovem o cooperativismo em diferentes níveis, desde o local até o nacional. Essas organizações desempenham papéis importantes na defesa dos interesses das cooperativas, no fornecimento de assistência técnica, na promoção de políticas públicas favoráveis e na capacitação de líderes cooperativistas. Algumas das principais organizações que apoiam o cooperativismo no Brasil incluem:

### ORGANIZAÇÕES DE REPRESENTAÇÃO NACIONAL

**1. ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS (OCB):** A OCB é a principal entidade de representação do cooperativismo no Brasil, congregando as cooperativas de diversos setores e promovendo ações em prol do fortalecimento do movimento cooperativista no país.

**2. UNIÃO NACIONAL DAS ORGANIZAÇÕES COOPERATIVISTAS SOLIDÁRIAS - UNICOPAS:** Reúne as principais centrais do cooperativismo e da economia solidária do Brasil.

**3. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS (CNCOOP):** A CNCoop é uma entidade que representa e defende os interesses das cooperativas brasileiras em nível nacional, atuando na articulação política e na defesa dos direitos do setor cooperativista.



## FEDERAÇÕES ESTADUAIS DE COOPERATIVAS

**FEDERAÇÕES ESTADUAIS DE COOPERATIVAS:** Cada estado brasileiro possui sua própria federação de cooperativas, responsável por representar e apoiar as cooperativas locais, promover o desenvolvimento do cooperativismo em nível estadual e prestar serviços de apoio técnico e educacional.

## ENTIDADES DE ENSINO E CAPACITAÇÃO

1. Organizações como o **SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO (SESCOOP)**;



2. **INSTITUTO BRASILEIRO DE COOPERATIVISMO (IBRASCOOP)** oferecem programas de capacitação, treinamento e educação para líderes e membros de cooperativas, visando fortalecer o conhecimento e as habilidades necessárias para o sucesso das cooperativas.



## ENTIDADES DE FOMENTO E APOIO FINANCEIRO

1. **BANCOS COOPERATIVOS:** Instituições financeiras cooperativas, como o Banco Cooperativo do Brasil (**BANCOOB**) e o **SICREDI**, oferecem serviços financeiros e linhas de crédito especiais para cooperativas, contribuindo para o financiamento e o desenvolvimento das atividades cooperativistas.



2. **AGÊNCIAS DE FOMENTO:** Algumas agências de fomento e desenvolvimento, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (**BNDES**) e a Agência Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (**ANDES**), também oferecem apoio financeiro e programas específicos para o cooperativismo.



# REFERÊNCIAS

ACI. Qué es una cooperativa. Alianza Cooperativa Internacional. Belarus: 2022.

Disponível em: <<https://ica.coop/es/cooperativas/que-es-una-cooperativa>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

OCB. Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2020. Sistema OCB. Brasília: 2020.

Disponível em: <[https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/100931/1608152662Anuario\\_2020-vf.pdf](https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/100931/1608152662Anuario_2020-vf.pdf)>.

Acesso em: 17 nov. 2021.

OCB. Qué es una cooperativa. Alianza Cooperativa Internacional. Belarus: 2022.

Disponível em: <https://ica.coop/es/cooperativas/que-es-una-cooperativa>. Acesso em: 26 jun. 2022.

OCB. Anuário do cooperativismo 2023.

Disponível em: <https://anuario.coop.br/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

OCESP. Ramos do Cooperativismo.

Disponível em: <https://www.sistemaocespp.coop.br/?a=pagina&c=3>. Acesso em: 25 jun. 2023.

UNICOPAS. Quem somos. Site institucional.

Disponível em: <https://unicopas.org.br/institucional/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

**ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA**

1. Qual ano do ensino médio você se encontra?

- a) 1º ano.
- b) 2º ano.
- c) 3º ano.
- d) Subsequente.

2. Qual é a sua idade?

- a) Até 15 anos.
- b) 16 anos.
- c) 17 anos.
- d) 18 anos.
- e) Acima de 18 anos.

3. Com qual etnia/raça você se identifica?

- a) Preto.
- b) Pardo.
- c) Indígena.
- d) Amarelo.
- e) Branco.

4. Com qual gênero você se identifica?

- a) Masculino.
- b) Feminino.
- c) Transgênero.
- d) Gênero neutro.
- e) Outro.

5. Qual a faixa de renda familiar se enquadra?

- a) Até um salário mínimo.
- b) Entre um de dois salários mínimos.
- c) Entre dois e três salários mínimos.
- d) Entre três e quatro salários mínimos.
- e) Acima de quatro salários mínimos.

6. Qual a ocupação principal em sua família, ou seja, a de maior renda?

Resposta: \_\_\_\_\_.

7. Você entende o que é uma cooperativa?

- (1) Não conheço.
- (2) Conheço muito pouco.
- (3) Conheço pouco.
- (4) Conheço.
- (5) Conheço muito bem.

8. Qual seu nível de conhecimento sobre o sistema cooperativista?

- (1) Não conheço.
- (2) Conheço muito pouco.

- (3) Conheço pouco.
- (4) Conheço.
- (5) Conheço muito bem.

9. Você considera que as cooperativas são importantes para sociedade?

- (1) Não considero.
- (2) Considero que é muito pouco importante.
- (3) Considero que é pouco importante.
- (4) Considero importante.
- (5) Considero que é muito importante.

10. Você participaria de uma cooperativa?

- (1) Nunca participaria.
- (2) Tem uma pequena possibilidade de participar.
- (3) Ter uma possibilidade média de participar.
- (4) Provavelmente participaria.
- (5) Com certeza participaria.

11. Você considera a cooperativa uma boa alternativa para crescimento dos pequenos empreendedores?

- (1) Não considero.
- (2) Considero que é uma alternativa ruim.
- (3) Considero que é indiferente.
- (4) Considero uma boa alternativa.
- (5) Considero que é uma excelente alternativa.

12. Você acredita que um pequeno produtor consegue crescer sem ajuda?

- (1) Não.
- (2) Considero a possibilidade mesmo que pouca.
- (3) Considero indiferente.
- (4) Acredito que sim.
- (5) Tenho plena convicção de sim.

13. Em seu entendimento o que pode trazer melhores resultados para os pequenos produtores?

- (1) Trabalhar sozinho e sem ajuda.
- (2) Trabalhar sozinho com pouca ajuda.
- (3) Trabalhar em parceria sem dependência.
- (4) Trabalhar em parceria com pouca dependência.
- (5) Trabalhar em parceria com muita dependência.

14. Na sua visão quais as chances de uma pequena empresa concorrer uma empresa de grande porte sozinha?

- (1) Nenhuma chance.
- (2) Pouca chance.
- (3) Indiferente.
- (4) Boas chances.
- (5) Excelentes chances.

15. Na sua visão quais as chances de várias pequenas empresas cooperando

conseguirem concorrer uma empresa de grande porte?

- (1) Nenhuma chance.
- (2) Pouca chance.
- (3) Indiferente.
- (4) Boas chances.
- (5) Excelentes chances.

16. Você considera o movimento cooperativista importante para construção social?

- (1) Não é importante.
- (2) Pouco importante.
- (3) Indiferente.
- (4) Importante.
- (5) Muito importante.